

Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista

Educação: Caminho para Evangelização



ARTIGOS

4 PRINCÍPIOS DE LIDERANÇA
G. O. Martinborough

7 QUE É A VERDADE?
D. Scarone

10 EDUCAÇÃO E EVANGELIZAÇÃO
N. Gorski

13 DOZE MANEIRAS DE AGRADAR A ESPOSA
Kay Kusma

16 PEGADAS NA VIDA
I. Vyhmeister

21 EVANGELISMO: A MUDANÇA PARA MELHOR
Adamor Pimenta

23 EM FAVOR DE UM PESO MELHOR
L. W. Brown

28 APOCALIPSE 4 E 5: A VISÃO DO TRONO — II
A. Treiyer

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca; **Diretor de Arte:** Urias P. Chagas; **Diagramação:** Herlem Xavier de Campos; **Colaborador Especial:** Daniel Belvedere; **Colaboradores:** João Wollf, Severino Bezerra, Pável Moura, Luís Nunes, Jefte de Carvalho; **Capa:** William/Casa

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 — Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 — km 106 — Caixa Postal 34 — 18270 — Tatuí, SP.

As Aflições do Evangelismo

O evangelista planejou sua campanha com muita antecedência e enviou pessoas para prepararem o terreno. Chegado o momento de escolher os instrutores bíblicos, não havia muito o que escolher, de maneira que levou gente sem experiência e possuidora de muitas limitações. O evangelista era um pregador entusiasta e eloqüente. Seus temas eram claros, profundos e bem ilustrados. A pregação incluía assuntos sociais, de saúde, educativos e teológicos. Despertou grande interesse e atraiu grande público desde o início. Isto despertou o ciúme e a oposição dos dirigentes da religião popular.

Fez-se muita obra pessoal e nos lares, apesar de os instrutores discutirem com freqüência e um deles ser literalmente um instrumento satânico. A preocupação com as almas, com sua equipe e com a oposição fez com que o evangelista dormisse pouco e orasse muito.

Foi uma campanha difícil, cheia de angústias e, inclusive, de lágrimas. Não houve grande número de batismos enquanto um ataque dos opositores, apoiados pelas autoridades civis, não pôs fim à série de conferências. O evangelista disse que sua alma estava muito triste, mas em meio à dor desse fracasso, sua equipe de instrutores se dispersou, deixando-o só. Pelo menos não estava preocupado com o que pensaria o presidente da Associação, pois sabia que ele aprovava o seu trabalho; sua preocupação era com as almas e com sua equipe, embora em determinado momento sua angústia fosse tão grande que pensou estar desamparado por seu presidente, quando este nada fez para livrá-lo das mãos criminosas que puseram fim a uma vida jovem e a um ministério frutífero.

Prezado colega, conheces esse insuperável evangelista que ainda não terminou sua campanha, pois trabalha e sofre contigo, enquanto diz: "... suporta as aflições, faze o trabalho de evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério."¹

Estes pensamentos me vieram à mente quando me achava em meio de uma difícil série de conferências. Encontrava-me só no quarto, depois de um desses dias em que tudo parece sair errado. Lembrei-me também das palavras de Isaías a respeito do evangelista Jesus: "Verá o fruto do penoso trabalho de Sua alma, e ficará satisfeito"² e disse a mim mesmo: de fato, a maior satisfação que conheço é a de ver pessoas convertidas e salvas pela graça de Deus mediante nosso humilde esforço.

Após lembrar-me deste versículo, peguei minha Bíblia e li em sua contracapa aqueles dizeres que me dera de presente um converso em minha primeira série de conferências: "Tuas tristezas se desfarão quando te lembrares do sorriso que guardas em teu coração, das pessoas que te querem."

José A. Plescia

Princípios de Liderança

Em dez atitudes seguidas por Neemias durante seu tempo de governador de Jerusalém, o autor mostra como é possível exercer uma boa liderança.

Era o ano 444 a.C., e Deus estava em busca de um líder. Treze anos antes, em 457 a.C., Ele havia encontrado Esdras, que havia ido a Jerusalém com cerca de mil e setecentos homens e se dedicara à árdua tarefa de reconstruir a devastada cidade. Esdras era um bom pregador e um consagrado líder espiritual, mas, como todos nós, tinha suas limitações. Mais de uma década se havia passado, mas a tarefa ainda estava inacabada. E Deus, na busca de um segundo líder, encontrou a Neemias.

Deus está sempre à procura de líderes. Ele já o encontrou? Uma das maiores necessidades de Sua igreja hoje é a de liderança eficiente. Quais são as qualidades de um líder bem-sucedido? Quando examinamos o ministério de Neemias, aparecem dez atributos.

O primeiro é *o interesse*. Quando Neemias ouviu a notícia da “miséria e desprezo” de Israel, dos muros derribados e portas queimadas a fogo, ele se assentou e chorou, lamentou e jejuou (Neem. 1:3 e 4). Ali estava um homem de profundo interesse! Ele poderia ter pensado: “Bem, eu não possuo o chamado de um profeta, a ordenação de um sacerdote, nem o sangue de um rei. Sou apenas um homem comum, ‘o copeiro do rei’. Esta não é a minha obrigação!” Em lugar disso, porém, sentiu-se dominado por um profundo interesse em favor da causa de seu Deus!

Temos, você e eu, esta qualidade do interesse? Ou estamos infectados pelo vírus do: “Não tenho nada a ver com isto”, ou “Afinal de contas, o que um homem pode fazer?”, ou “Por que preocupar-me?” A condição da igreja — sua “miséria e desprezo” — faz com que nos inquie-

temos. Por mais desagradável que possa soar, somos pagos para nos sentir interessados! Se o leigo Neemias estava interessado, o que dizer de você e de mim — chamados para o ministério?

O segundo princípio de liderança de Neemias era seu *Espírito de Intercessão*. Seu intenso interesse o levou a ajoelhar-se em fervorosa prece. Ele agonizou “dia e noite, pelos filhos de Israel” (Neem. 1:6). E ao chegar o momento áureo da oportunidade, antes de implorar ao rei, “orou ao Deus dos Céus” (Neem. 2:4). Todos nós oramos — por nós mesmos, por nossos familiares. Mas quantas horas gastamos “dia e noite” orando em favor de Israel? Quando Neemias orou, Deus lhe deu uma visão de como poderia ele ser a resposta à sua própria oração. E quanto mais tempo passamos sobre os joelhos, mais respostas obteremos aos problemas aparentemente insolúveis que nos desafiam hoje.

A terceira característica de liderança de Neemias era: *Um Plano de Ação*. Muito antes de sua partida da Pérsia, ele já havia feito uma lista das necessidades: cartas reais para governadores; “carta para Asafe, guarda das matas do rei”, pedindo madeira para os portões, os muros e a casa (Neem. 2:7 e 8). Com respeito a sua chegada a Jerusalém, ele se levantou “à noite” e foi fazer um compreensivo levantamento secreto. Foi uma noite de Inspeção e de Inspiração. “Não havia... declarado coisa alguma” do que Deus lhe havia posto no coração fazer” (Neem. 2: (11-16). Ele havia finalizado seu Plano de Ação!

Arte de vender! Essa era a quarta dimensão da liderança de Neemias! Como vender o plano? Como levar pessoas desanimadas à ação?

G. O. Martinborough
Secretário Ministerial Associado
Divisão Interamericana

Muitos líderes falham nesse ponto. Quando deixamos de fazer com que uma parcela significativa de pessoas atenda, é isto um problema de discipulado ou um problema de liderança? Notai a estratégia em Neemias 2:17 e 18. Ele não começou dizendo: "Fui indicado como Governador". Em lugar disso, começou: "Estais vendo a miséria em que estamos...?" Em seguida, incentivou: "Vinde, pois, reedifiquemos... e deixemos de ser opróbrío." Depois se referiu à providência divina: sua função de governador, o favor do rei. E os desanimados readquiriram coragem para permanecer firmes e dizerem: "Disponhamo-nos, e edifiquemos." Que arte de vender bem-sucedida!

O capítulo três de Neemias pode ser chamado de "O Seguinte a Ele" ou "Depois Dele". A cada um foi designada uma porção do muro para ser construída. E o líder eficiente cuidou para que cada qual fizesse sua parte. Ellen White fala de um proprietário que despediu seu superintendente por estar fazendo arduamente o trabalho, enquanto seus subalternos estavam ociosos! (S.C., pág. 70). Mas não basta fazermos as pessoas trabalharem *para* nós; elas devem amar para trabalharem *conosco*. Neemias formou uma equipe. Sua quinta eficácia foi que ele promoveu o Espírito de Equipe: "O povo tinha ânimo para trabalhar" (Neem. 4:6). É sua liderança divisória ou coesiva?

Um dos princípios de liderança, seguido por Neemias, consistiu em um plano de ação. Ele fez um levantamento das necessidades existentes. Levou uma carta para cada pessoa com a qual teria de encontrar-se.

O sexto atributo da liderança de Neemias foi sua filosofia de *Cuidado Total*. O capítulo 4, versos 16-23, descreve uma cena. Em uma das mãos o trabalhador tinha uma ferramenta e, na outra, uma espada para se defender! Não é este o duplo dever de todo ministro? Com uma das mãos estamos construindo — o longo muro. Este é o desafio do evangelismo. Mas temos o segundo dever de proteger o muro, pois en-

quanto estamos edificando aqui, Satanás está demolindo ali. Este é o desafio da Conservação. Pertence-nos a delicada tarefa de manter um equilíbrio saudável entre a extensão evangelística bem-sucedida e o cuidado pastoral eficaz. E quando enfrentamos tanto nossas limitações pessoais como os alvos das organizações empregadoras, necessitamos da sabedoria de Neemias para permanecer no meio da estrada!

As pessoas têm problemas. E, quanto mais pessoas dirigimos, tanto mais problemas devemos esperar. Alguns líderes criam os problemas; outros, ignoram os problemas; os líderes eficientes, resolvem os problemas! O sétimo ingrediente da liderança de Neemias era sua habilidade para *resolver os problemas*. O capítulo cinco fala do "grande clamor do povo". Alguns estavam sem alimento, outros com terras hipotecadas, alguns devendo dinheiro aos líderes, e outros ainda haviam vendido os filhos como escravos. E os opressores eram israelitas ricos que se encontravam em posição de liderança!

Neemias não varreu estes problemas para debaixo do tapete — aguardando a chegada de seu sucessor! (Enquanto se aguarda, eles crescem!) Ele os enfrentou imediata e corajosamente. É importante notar que ele pôde agir com autoridade, pois havia dado exemplo. Durante os doze anos de seu primeiro governo, recusou-se a exigir os rendimentos de governador que lhe eram devidos por lei! E, quando os opressores viram sua seriedade, responderam: "Nós restituiremos!"

Aquele líder não possuía coragem para resolver os problemas internos; teve também a intrepidez de enfrentar os problemas externos! Ele enfrentou Sambalá, Tobias e Gesem com aquela imortal declaração: "Estou fazendo grande obra, de modo que não poderei descer" (Neem. 6:3). Ele não se desanimaria por causa de suas repetições (verso 4) nem suas diversificações (verso 10); ele não se desviaria por causa de intimidação (verso 5) nem afirmações falso-proféticas (verso 4).

A oitava dimensão da liderança de Neemias era sua habilidade de *levar a cabo* seu intento. "Acabou-se, pois, o muro!" (Neem. 6:15). Para muitos, os líderes possuem a aguçada habilidade de iniciar o que jamais terminamos! Com Neemias não aconteceu isto. Ele levou a cabo o seu projeto. E isto, no tempo recorde de cinquenta e dois dias. Aquilo que havia escapado

***Enquanto alguns líderes
poderão deixar alguns
problemas sem ser resolvidos,
ou até criar alguns, o verdadeiro
líder, à semelhança de Neemias,
procurará resolver os problemas
existentes ou os que
eventualmente surgirem.***

à nação por doze anos, foi realizado em cinquenta e dois dias!

Quando alguns líderes alcançam o seu alvo, batem em retirada. Neemias não — ele ainda daria pelo menos dois passos. Em sua filosofia, toda construção — fosse ela física, econômica ou organizacional — deveria ser uma figura da reconstrução espiritual. Assim, o erguimento do muro era um toque de clarim para o *Reavivamento e Reforma*. Que a experiência dos capítulos oito e nove se torne a nossa experiência hoje. Antes da Convocação e do Concerto, houve a leitura da lei, a pedido do povo. Ai permaneceram eles — homens, mulheres e crianças: toda a família de Deus — ouvindo atentamente durante aproximadamente seis horas. E quando o sacerdote abençoou o povo, este se uniu em jubilosa aclamação: “ ‘Amém! Amém’, levantando as mãos; inclinaram-se, e adoraram ao Senhor”. Oh! que nossos líderes levem nosso povo a um tal reavivamento hoje!

Ele não virá por falarmos de maneira filosófica, nem repetir “fábulas artificialmente compostas”, nem citar trechos de teólogos famosos. Virá quando lermos “na lei de Deus, claramente”, dando explicações, de maneira que entendam o que se leia (verso 8). Isto fará com que o povo chore (verso 9) lágrimas de tristeza e lágrimas de alegria, “porque a alegria do Senhor é a vossa força” (verso 10).

Vamos ao ato final — o ato da *Adoração* (Neem. 12:27-47). Vejamos a cena da celebração e dedicação. Ouçamos as aclamações de júbilo com “louvores, canto, címbalos, alaúdes e harpas” (verso 27). Vejamos os coros com seus hinos antifonais de louvor, que fez a nação se alegrar “com grande alegria... de modo que o júbilo de Jerusalém se ouviu até longe” (verso 43). Dar-se-ia o caso de não recebermos maiores bênçãos porque damos muito pouco louvor? Estaria sendo o nosso estribilho predileto “Glória pra mim”?

Vejamos o ponto culminante do louvor. Eles “ofereceram grandes sacrifícios, e se alegraram... com grande alegria” (verso 43). Sim, o auge de sua celebração foi o seu sacrifício. Olhem para o cordeiro, para o sangue! Todo ato de adoração deve ser banhado no sangue — o sangue do Cordeiro. Todo atributo de agradecimento deve estar centralizado na cruz do Calvário. Tudo o que temos feito, o foi mediante o Crucificado! Este deve ser o nosso louvor no tempo, pois será nosso canto na Eternidade.

***Fez parte do trabalho de
Neemias um reavivamento e
reforma. Não poderia haver
reconstrução de muros, no seu
modo de entender, sem
renovação espiritual.***

Dessa maneira, hoje, como outrora, Deus está buscando líderes: homens e mulheres que não se envergonhem da avaliação pessoal, nem temam a reconstrução da liderança; líderes que estejam desejosos de levar Seu povo a uma missão “acabada” e ao ato escatológico da aclamação eterna. Sim, Deus está buscando; Ele já o encontrou?

Que é a Verdade?

O autor expressa sua preocupação, nascida da observação de certas realidades perturbadoras. Convida-nos a tratar deste tema de maneira franca. O artigo não pretende ser uma denúncia, mas um forte apelo à reforma.

É desnecessário dizer que vivemos tempos difíceis. No mundo, as escalas de valores se alteram a cada dia. A ética situacionista tornou relativa até mesmo a própria verdade. No mundo, é possível hoje mentir "oficialmente", sem que isso seja condenado. Por sua vez, a igreja, que está no mundo mas não é do mundo (S. João 17:15 e 16), parece não ter conseguido impedir, pelo menos em alguns lugares, que certas atitudes seculares penetrem em seu interior. Com pesar, observamos mesmo entre nós como um povo, certas realidades que expressam uma deterioração, um mal inerente, u'a manifestação malsã, da qual não se fala, mas que se conhece. Um estilo de vida que não se aprova, mas com o qual se convive.

Visto que a descrição teórica poderia não ajudar a tornar claro o nosso pensamento, apresentarei situações que, embora diferentes entre si, escondem um propósito comum.

Caso 1. É domingo de manhã. O telefone toca no escritório da pequena instituição educativa. É o secretário da União que chama o diretor para avisá-lo de que na quarta-feira próxima haverá uma reunião. O diretor faz uma pergunta muito comum: se há na agenda pontos importantes que exijam sua presença. E embora nesse momento já se soubesse que o presidente e o tesoureiro da União estavam recebendo grandes chamados, o secretário responde que não há elementos significativos. Isto faz com que o diretor se desculpe, pois vai ter uma semana de muitos compromissos. Na quinta-feira à noite, quando a agenda do diretor já es-

tá repleta, faz-se nova comunicação. Desta vez, o secretário informa que surgiram elementos importantes na agenda, que não estavam previstos, os quais tornam imprescindível sua presença na Mesa. Lamentavelmente, a essa altura o diretor já não pode cancelar os compromissos assumidos, e não pôde estar presente. Habilidade administrativa?

Caso 2. Faz muitos anos que o Pastor A trabalha na Associação B. Seu ministério nunca foi ruim o suficiente para que o mandassem embora, mas também não foi bom o bastante para que o reconhecessem como aceitável. Foi sempre alguém que viveu nesse terreno cinzento da mediocridade, no qual os administradores acham mais fácil suportar um obreiro do que aceitá-lo.

Finalmente, depois de uma série de insucessos, o presidente do campo resolve livrar-se dele. A maneira menos dolorosa pode ser uma transferência para outro campo. Quando tem oportunidade, conversa com outro presidente da seguinte forma: "Este ano o pastor A nos surpreendeu. Creio que houve uma mudança notável nele. É firme na doutrina; faz bons sermões. É o homem que mais recebe convites para Semanas de Oração e retiros espirituais. Para nós, seria uma pena perdê-lo. O único problema é que já está há muito tempo em nossa Associação e, para o seu crescimento, seria bom que recebesse um chamado. Capacidade de negociar?"

Caso 3. A Mesa da Associação acabou de ser encerrada. Antes da oração final, o presidente acha oportuno recomendar aos membros que

Daniel Scarone
Colaborador da revista
O Ministério

mantenham sigilo total sobre os assuntos que foram tratados. "Penso", diz ele, "ser desnecessário dizer isto (sabe muito bem que não o é), mas pedimos o maior sigilo sobre os pontos da agenda que acabamos de discutir, especialmente quanto às transferências de empregados."

Mediante quatro exemplos, o autor procura mostrar que nem sempre determinadas resoluções administrativas são levadas a efeito com a lisura que deveriam ter.

Uma hora depois, um dos membros presentes telefona para um dos obreiros atingidos pelas decisões da Mesa. "Como você é meu amigo, acho que preciso dizer isto. A Mesa resolveu transferi-lo. Nada pude fazer por você. Telefonei só porque achei conveniente que você soubesse isto. Peço-lhe que não diga a ninguém nada do que lhe disse."

Caso 4. A instituição A decide chamar o obreiro B. Antes, toma o cuidado de consultar extraordinariamente o obreiro. Este responde: "Se o chamado me chegar às mãos, estou disposto a trabalhar na instituição A." Não obstante, em sua própria instituição, diz o seguinte: "Sinto-me bem trabalhando aqui. Não sei se esta é a melhor ocasião para me transferirem. Logicamente, se o chamado chegar até mim, vou aceitá-lo". É óbvio que o chamado nunca chegará a suas mãos, e os irmãos da instituição A ficarão por muito tempo sem saber o que aconteceu, e quem segurou o chamado.

E os casos poderiam continuar sendo citados até darem para se fazer uma enciclopédia da falta de sinceridade. Mas não pretendemos deleitar-nos com o erro e a falsidade, e, sim, reverter uma realidade que nos pode levar ao fracasso total. Porque "povo e sacerdote sofrerão a mesma sorte" (Oséias 4:9, NBE).

Que é insinceridade? É falsidade, e "a intenção de enganar é o que constitui a falsidade... Todo o exagero intencional, toda a sugestão ou insinuação calculada a transmitir uma impressão errônea ou desproporcionada, mesmo a declaração de fatos feita de tal maneira que iluda, é falsidade. Este preceito proíbe todo o esforço no sentido de prejudicar a reputação de

nosso próximo, pela difamação ou suspeitas ruins, pela calúnia ou intrigas. Mesmo a supressão intencional da verdade, pela qual pode resultar em agravo a outrem, é uma violação do nono mandamento." — *Patriarcas e Profetas*, págs. 316 e 317.

Se bem que diferentes uns dos outros e tenham tido como protagonistas pessoas diversas, todos os casos analisados têm um fator em comum, um fio condutor — a falta de sinceridade.

Se a esta altura dissesse: "Evite-se toda a associação destes casos com episódios reais, pois os exemplos são fictícios", também me estaria amparando na escuridão da mentira. Lamentavelmente, todos os casos ocorreram, e revelam uma realidade que, por certo, está muito distanciada da vontade divina.

O Silêncio Não é Solução

O silêncio diante destes fatos não é a solução. Muito menos o é a adaptação à moral de turno. Fazê-lo é um ato de cumplicidade, é evitar o conflito, é andar com a corrente, é aceitar como bom o que, conscientemente, sabe-se que é ruim. Sim, se percebemos realidades tão chocantes como as que foram mostradas e não reclamarmos uma mudança, uma reforma, um "volta" (Oséias 14:1), um "lembra-te, pois, de onde caíste" (Apocalipse 2:5), será aceitar, como a melhor solução disponível, o suicídio silencioso e mudo da honestidade.

Quando tais problemas se apresentam, é comum se ouvirem palavras condescendentes, como: "Nem tudo está perdido"; "Não devemos ser negativistas"; "Ainda há alguma coisa boa"; "Sim, é verdade, mas tenhamos paciência, e no fim tudo se resolverá"; "Em minha experiência, aprendi que cedo ou tarde o Senhor resolverá estes problemas." Nunca ouviu frases como estas, que procuram suavizar problemas reais e tangíveis?

Sabemos, porém, que são palavras complacentes, paliativos da consciência que em si mesmas jamais solucionarão problema algum. São apenas placebos indolores, anestésias fugazes, que pretendem diminuir a verdadeira dimensão da realidade. Se aceitarmos a cumplicidade dessa falta de lealdade, podemos vir a justi-

ficar o que bem sabemos que o Céu sequer pode contemplar.

Não faltará quem afirme que estes problemas são o resultado de nossa estrutura; que mudando certas coisas, logo, pelo mágico influxo da mudança, tudo melhorará. O problema a que nos referimos, porém, encontra-se em nível mais profundo do que o estrutural — é moral. É um problema do coração.

Onde está a Solução?

É

verdade que há uma classe de pessoas que só consegue ver os problemas. Sei também que há outros que vêem as dificuldades, mas se calam porque não têm soluções. E há alguns que vêem os problemas, apontam-nos e oferecem o que pode solucioná-los; porque, embora a avaliação crítica tenha seus riscos, o silêncio é uma cumplicidade fatal.

Ao considerar este mal subjacente no próprio meio da comunicação cristã, e notar as dificuldades próprias de um assunto que não é simples, atrevo-me a sugerir algumas soluções.

1. *Deve-se mostrar a verdade com amor.* Diz São Paulo: Revistam-se “desse novo homem criado à imagem de Deus, com a retidão e santidade próprias da verdade. Portanto, deixem de mentir, falem a verdade cada qual com o seu próximo, pois somos membros uns dos outros” (Efés. 4:24-26, NBE). Creio que esta declaração apostólica é um chamado à comunicação honesta. Embora seja esta a realidade, concordo em que a verdade sem rodeios pode ser falseada e malcompreendida; por isso, necessita da ajuda da justiça, da prudência, do tato, das boas maneiras e, sobretudo, do amor.

Quando a verdade está repleta do amor, despoja-se do indiferentismo, da dureza, da ar-

bitrariade e do extremismo. A verdade se dimensiona e se engrandece no amor. E quando o amor reina, começamos a viver amparados pela manifestação do caráter divino (I S. João 4:7 e 8). Dessa forma, a verdade nada fará indevido, não buscará os seus interesses, não se irritará, não guardará rancor (I Cor. 13:3-6), mas se regozijará em manifestar-se. Só assim será a verdade limpa e cristalina, e poderá explicar sinceramente seus atos, porque o amor é puro e limpo, não possui duplicidades e sempre possui uma razão para sua conduta.

2. *A veracidade modifica-nos a linguagem.* Substitui a linguagem triunfalista pela realista. É agradável falar de êxitos, mas só o falar verazmente está de acordo com a verdade. As informações internas de nossa igreja deveriam ser totalmente cristalinas, e nunca se deveria informar como êxito o que é claramente um fracasso.

3. *A conduta administrativa deveria ser transparente.* O acesso à administração da igreja deveria estar despojado de nacionalismo, amizades e influências. As pessoas que chegam à administração não só deveriam ser completas, íntegras e cristãs, mas competentes e idôneas para a função que irão desempenhar.

Por outro lado, todo dirigente cristão deve lembrar-se de que “Nenhum de nós vive para si, e nenhum morre para si” (Romanos 14:7). A vida do dirigente cristão é uma vida de permanente exemplo em tudo o que faz. Todo líder deveria ter não só a capacidade de desempenhar bem sua função, mas preparar pessoas que o substituam oportunamente, compreendendo que essa transferência gerencial é vital para o futuro da área da igreja envolvida e, conseqüentemente, da própria igreja.

4. *A comunicação franca favorece a veracidade.* E remove a incompreensão. Faz pouco, li que uma empresa perdeu milhões de dólares apenas por um erro de comunicação que consistiu em decodificar incorretamente um dado recebido. A comunicação requer uma vontade comunicadora que descubra a incompreensão e a corrija a tempo. Quantos conflitos nas relações interpessoais evitaríamos! E estas são coisas que não podem ser medidas em cifras ou gráficos econômicos, porque são imensamente superiores a um número, porque a inversão mais valiosa para qualquer organização está nas pessoas.

5. *A veracidade sempre vem acompanhada*

“Há alguns que vêem os problemas, apontam-nos e oferecem o que pode solucioná-los; porque, embora a avaliação crítica tenha seus riscos, o silêncio é uma cumplicidade fatal.”

de senso comum. Quando um aluno perguntou ao professor se sempre devia dizer a verdade, este lhe respondeu: "A verdade deve ser dita, mas onde, como e a quem deve ser dita."

Conclusão

O Senhor Jesus Se identificou, dizendo: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (S. João 14:6). Muitas vezes nos temos referido à verdade de forma possessiva. Não nos são estranhas frases como: "Temos a verdade" ou "Somos o povo que possui a verdade". Contudo, a análise superficial de certas realidades contradiz abrupta e cabalmente estes conceitos, além de banalizar a virtude da verdade.

Este apetite de posse da verdade, claramente contrariado pela experiência da falta de sinceridade, pode ocasionar um estranho esquizoïdismo em nós, que nos leve a um profundo desfiguramento religioso. Creio que, em lugar de pretendermos possuir a verdade, deveríamos antes pensar em ser possuídos por esta; ser *da* verdade; ser *de* Cristo.

Como igreja e como indivíduos, deveríamos suplicar a graça da verdade de Deus, para ser coerentes com o nosso elevado chamamento e dar ao mundo uma visão transparente lógica do Deus que adoramos e servimos.

Educação e Evangelização

No intuito de tornar a obra da educação e da redenção o que realmente é — uma só — as escolas adventistas abriram suas portas às crianças cujos pais não pertencem à nossa fé. O resultado tem sido a vinda de muitos alunos e seus pais para a nossa igreja.

Nos círculos adventistas, é bem conhecida a afirmação feita pela Sra. E. G. White, de que a obra de educação e da redenção são uma, tendo ambas a Cristo como fundamento. É provável, contudo, que muitos de nós consideremos esta proposição de forma muito limitada, sem analisar a grande extensão do seu significado.

É nosso intuito, através deste artigo, mostrar, sem contudo esgotar as possibilidades, como a educação pode constituir-se num poderoso fator de evangelização, pelo trabalho criativo e consagrado de professores cristãos.

Algumas possibilidades

Fator de Conservação e Salvação para Filhos de Famílias Adventistas. — São bem conhecidas em nosso meio as estatísticas feitas em diferentes ocasiões e diferentes lugares, referentes à permanência na igreja de crianças e jovens que foram favorecidos com a educação proporcionada por nossas escolas e colégios. Frequentar uma escola adventista não garante, todavia, a salvação a ninguém; mas o estudo sistemáti-

Prof. Nevil Gorski
Diretor de Educação da
Divisão Sul-Americana

co da Bíblia, a convivência com professores cristãos, e outros fatores, conduzem, pela atuação do Espírito Santo, a uma decisão consciente sobre o melhor caminho a seguir. Isto traz, como consequência, uma alta porcentagem de permanência na igreja, por parte daqueles que passaram por nossas escolas.

Oportunidade de Salvação para Alunos não Adventistas. — Como adventistas, temos, através dos anos, lutado para que nossas escolas e colégios, especialmente os internatos, contem com um percentual elevado de alunos provenientes de lares adventistas. Para nossa realidade na América do Sul, este problema tem sido relativamente fácil, quando se trata de internatos, porque contamos atualmente com 24 internatos em funcionamento para atender a uma clientela de mais de 850 mil membros da igreja.

Quando se trata de uma escola de 1º grau, o problema muda, se a escola vai atender à clientela de uma igreja com 200 a 300 membros, por exemplo. O número de crianças em idade escolar, para uma igreja desse porte, será no máximo de 40. Se o regime de ensino do país é de 8 anos, teríamos uma média de 5 alunos por classe.

Muitos alunos que já têm idade de tomar decisão, são convidados a frequentar uma classe especial de estudos bíblicos ou uma Escola Sabatina realizada na escola; e muitos se têm unido à igreja mediante um cuidadoso preparo.

Como em todos os países do nosso território as escolas devem manter uma sala e um professor por classe (salvo exceções em áreas rurais afastadas), a igreja se vê num dilema: não ter escola e, portanto, ter os alunos em escolas seculares, ou ter uma escola com professores adventistas e ensino diário de Bíblia, tendo alunos não adventistas que, pagando a mensalidade estabelecida, ajudem financeiramente a manter a escola. Associada a esta solução, está a possibilidade de trabalhar pela conversão de muitos alunos que, estando já em idade de

poder fazerem a sua decisão, são convidados a frequentar uma classe especial de estudos bíblicos ou uma Escola Sabatina realizada na escola; e muitos se têm unido à igreja mediante um cuidadoso preparo.

Referindo-se à conversão de alunos, ao frequentar em nossas escolas e colégios, os escritos do Espírito de Profecia predisseram: “Unir-se-ão a essas escolas, jovens do mundo, mesmo alguns cuja mente fora depravada, e aí serão convertidos... Fui instruída a dizer que essa espécie de obra missionária exercerá uma influência eficaz na difusão da luz e do conhecimento.” — *Conselhos sobre Educação*, págs. 189 e 190.

Pessoalmente, conheço muitas pessoas que, quando crianças ou jovens, tornaram-se adventistas pela influência e trabalho de fiéis professores cristãos. Muitas delas se tornaram até mesmo dedicados obreiros. Entre outros, eis alguns exemplos:

Antônio Nogueira Júnior, obreiro jubilado que serviu em diferentes responsabilidades, especialmente às Uniões Central e Sul do Brasil. Conheceu e aceitou o evangelho como aluno no Instituto Adventista de Ensino. O mesmo ocorreu com o empresário *Luís Antônio Costa Santana*, que tantos benefícios tem prestado à igreja; e também a Sra. *Charlotte Lessa*, esposa do bem conhecido redator-chefe da Casa Publicadora Brasileira. *Victor Peto*, atual secretário da União Chilena, aceitou a verdade como aluno do Colégio Adventista do Prata, e o Pastor *Mário Veloso*, atual secretário da Divisão Sul-Americana, teve seu primeiro contato com os adventistas numa pequena escola primária e aceitou a verdade, sendo aluno do Colégio Adventista do Chile.

Oportunidade de Salvação para Pais Descrentes e a Comunidade Vizinha à Escola. — Como resultado do trabalho leal, desenvolvido por dedicados professores e o bom conceito de nossas escolas, muitos pais e outras pessoas se decidiram pela verdade.

Em Concepción, no Chile, nosso colégio com externato, num plano de trabalho bem-elaborado pela direção e professores durante vários anos, seguidos, batizou mais de 60 pessoas, entre alunos e pais. Num plano de penetração, este mesmo colégio, depois de um cuidadoso levantamento feito pelos professores, abriu uma escola na cidade de Lota, onde não havia adventistas. Aqueles professores que para lá se mu-

daram, constituíram-se em um pequeno núcleo, e hoje temos 3 congregações na cidade.

Na cidade de Santo André, São Paulo, o salão de atos do colégio serve como igreja, no sábado, para abrigar alunos e familiares que se tornaram adventistas. Nos últimos anos, mais de 50 pessoas têm sido batizadas anualmente. Em Joinville, Santa Catarina, um novo e belo salão de atos será em breve inaugurado em nossa escola, e a direção da escola está propondo à Associação custear os trabalhos de um evangelista para fazer um trabalho direto com os pais de alunos.

Seminário do Apocalipse

Recentemente, o Pastor José Amasias Justiniano, secretário da Associação Ministerial da nossa Divisão, realizou uma série de conferências na cidade de Chillan, no Chile, com muito bons resultados. A base de seu trabalho foi a visitação prévia aos lares dos pais de alunos, feita pelos professores de nossa escola na cidade e do nosso colégio que está próximo.

O Seminário do Apocalipse, oferecido aos pais como uma oportunidade para conhecerem o que ensinamos a seus filhos como educação religiosa, tem conduzido a bons resultados. Algumas experiências têm revelado que um bom número dos pais visitados ou convidados pelos professores, inscrevem-se para o Seminário. Dos que se inscrevem, cerca de dois terços comparecem às classes programadas, e quase todos vão até o final. Dessa forma, um bom número de pessoas de um bom nível social tem selado a sua sorte com Cristo pelo batismo. Esta é uma maneira muito econômica de evangelizar, pois os recursos da escola, provenientes dos pais, cobrem os custos de sua evangelização.

Em 1988, um bem-elaborado programa missionário no Instituto Adventista de Ensino, envolvendo professores de diferentes níveis de ensino, possibilitou entre outras atividades, a realização de 42 Seminários do Apocalipse, oferecidos a grupos de alunos, pais de alunos e pessoas da comunidade vizinha ao colégio. Como resultado, cerca de 90 pessoas já foram batizadas, e muitas continuam estudando e se preparando para o batismo.

Como parte prática do programa acadêmico dos nossos cinco colégios superiores que oferecem estudos de teologia, uma parte dos estudantes sai anualmente para acompanhar experimentados evangelistas, como obreiros bíblicos, contribuindo dessa maneira para a salvação de centenas de indivíduos, cada ano.

Estamos trabalhando para que, com a graça de Deus, a operação do Espírito Santo e a colaboração e consagração de nossos 6.000 professores, cada escola e colégio, pequeno ou grande, seja uma agência interna e externa da salvação de preciosas almas pelas quais Cristo morreu.

Os casos aqui mencionados — entre muitos outros que poderiam ser citados — demonstram que isto é possível. No ano passado, perto de 9.000 pessoas foram batizadas pelo trabalho em nossas escolas e colégios. (Quase 10% do total de batismos da Divisão.)

“O Seminário do Apocalipse, oferecido aos pais como uma oportunidade para conhecerem o que ensinamos a seus filhos como educação religiosa, tem conduzido a bons resultados.”

Influência das escolas

Referente ao colégio de Avondale, que poderia tornar-se um modelo para o mundo, E. G. White escreveu: “Se a escola de Avondale tornar-se um dia o que o Senhor está procurando que seja, o esforço missionário dos professores e estudantes dará fruto. Tanto na escola como fora, súditos bem dispostos serão levados à obediência de Deus.” — *Idem*, pág. 176.

A história da igreja revela que a obra penetrou em muitos lugares mediante o estabelecimento e funcionamento de uma pequena e boa escola, liderada por professores cristãos. Até hoje, nos campos onde temos um sistema educacional bem-estabelecido, a igreja é forte e próspera. Entre nós, temos dois bons exemplos

nas Missões Boliviana Ocidental, e do Lago Titicaca, no Peru. Ao começar a obra naqueles lugares, o Pastor Stahl procurava fundar sempre uma escola. Hoje, esses dois campos são os que têm maior número de escolas adventistas (90 e 75). São também os dois campos que mais batizaram na DSA em 1988 (MBO = 5.170; L. T. = 8.050). O percentual de adventistas, em relação à população em ambos os campos, é o

mais elevado da DSA.

Estou certo de que, se à semelhança de muitos pioneiros, vinculássemos a obra de evangelização ao trabalho de consagrados professores, estabelecendo escolas em lugares estratégicos, alcançaríamos bons e duradouros resultados. As escolas se constituiriam não só em poderoso elemento de conversão, mas também fator de conservação dos filhos dos novos conversos.

Doze Maneiras de Agradar a Esposa

*Sua esposa sabe que
você a aprecia?*

Aquí estão doze sugestões que mostram se você o faz.

Gostaria você de fazer com que sua esposa se sentisse a pessoa mais especial do mundo — e isto, sem gastar uma fortuna? Interessante, não é? Ninguém pode fazer isto tão bem como um marido. Tudo o que você precisa fazer é pôr em prática as doze sugestões seguintes, e garanto que sua esposa se sentirá feliz e sua satisfação matrimonial tornará sua esposa mais radiante do que o ouro!

1. *Sacrificar-se por ela.* Esteja disposto a deixar alguma coisa de que você gosta, ou algo que você gostaria de fazer, a fim de agradá-la. Dê-lhe o maior pedaço de bolo, o último chocolate da caixa, sua cadeira confortável, ou as chaves do seu carro novo.

Muito homem diz que daria a vida por sua esposa, embora não pense em deixar o beisebol e os colegas para dar um passeio pela praia com sua consorte! Sacrificaria você a uma reunião de comissão? E quanto a uma hora social da igreja? Sacrificaria você um chamado telefônico que surge durante o jantar, se soubesse que sua esposa não aprecia interrupções desnecessárias?

Quanto você se tem sacrificado ultimamente por sua esposa?

2. *Ouç-a.* Aceite o que ela diz. Mostre-se interessado. Não se aborreça. Olhe-a nos olhos, dispensando a mesma espécie de atenção que você dá a outras pessoas que se assentam em frente de sua escrivaninha.

Kay Kuzma

Autora de mais de doze livros e presidente de Questões Familiares, uma organização dedicada à promoção e manutenção da família e relacionamentos familiares.

Sua esposa necessita de seu ouvido, não apenas do seu coração. Esteja disposto a dar-lhe atenção o dia inteiro, e não apenas às 11:55 da noite, quando seu cérebro já foi para a cama e seu corpo está lutando para ir para lá!

Lembre-se, quando sua esposa tem uma necessidade emocional ela não necessita de um sermão: "Bem, não admira que você esteja se sentindo abatida. Você deveria ter tomado uma boa refeição matinal, e isto não aconteceu!" Sei que você gosta de pregar, mas Deus o chamou para reformar a igreja, não sua esposa. Por favor, resista a tentação de pregar para ela! Antes, ouça — ouça realmente.

3. *Toque-a.* A maioria das mulheres gosta de um toque delicado de seu marido, tanto em casa como em público. Segure-lhe a mão. Ponha o braço em torno de sua cintura. Você não deve fazer de você mesmo um espetáculo; deixe que seu toque mostre aos outros que seu interesse principal está centralizado em sua esposa.

Se você não tem certeza da quantidade de afeto com a qual ela se sentiria confortável em público, pergunte a ela.

Se você não é uma pessoa acostumada a essa espécie de contato, deve habituar-se a dar o braço para sua esposa. Comece tornando uma prática segurar-lhe sempre a mão quando ora. Quando estiver sentado junto dela, coloque o braço sobre o encosto da cadeira dela e lhe dê um aperto. Antes de sair do carro, incline-se e ponha a mão sobre o joelho dela e peça a proteção de Deus. Ser esposa de pastor é muitas vezes uma responsabilidade indiferente e ingrata; ela precisa de um esposo arrojado e afetuosos. Procure ser essa espécie de marido.

Quando a esposa tem uma necessidade emocional, esta não pode ser substituída por um sermão, sugerindo que ela deveria ter tomado uma boa refeição matinal.

4. *Esteja com ela em público.* Não a deixe sozinha entre a multidão e vá conversar com pessoas nas quais você está interessado. Procurem ser vistos juntos. Conheça alguns pastores que estão ocupados de tal maneira com

os membros da igreja aos sábados, que quase nunca são vistos com suas esposas. Isto não é correto!

É claro que você é ocupado, mas isto não significa que você não possa pedir licença por alguns minutos a fim de encontrá-la, dar-lhe umas batidinhas carinhosas e dizer-lhe que logo estará com ela. Ou então, se ela não estiver cuidando das crianças, incluí-la nas discussões nas quais você está tomando parte. Ou arranjar uma babá, a fim de que ela possa estar com você. Tornem uma norma aconselharem-se um ao outro sempre que possível. Você poderá ficar admirado de quão mais eficiente pode tornar-se ao tê-la ao seu lado! Uma boa esposa torna melhor o marido.

Certa vez conheci um pastor muito cortês que parava atrás do banco no qual a esposa estava sentada e esperava por ela, depois do sermão, para saírem juntos. O casal parava na porta da igreja e ambos cumprimentavam a cada pessoa que passava. Presumo que sua esposa haveria de gostar de sair junto com você alguma vez. Você já perguntou isto a ela?

5. *Diga algumas coisas boas com respeito a ela em público.* Jamais a critique. Nunca a diminua. Enalteça-a. Se você se acostumar a dizer coisas boas a respeito de sua esposa, ela certamente vai ouvir isto em algum momento, ou de alguma forma vai ficar sabendo. A aprovação em público de um para com o outro é tão importante quanto a aprovação em particular, para o marido e a esposa, no ministério.

6. *Divida com ela as responsabilidades.* Pergunte-lhe o que ela gostaria que você fizesse para ela. Surpreenda-a com sua cortesia. É fácil ao pastor acostumar-se de tal maneira a atribuir responsabilidades que se esquece de que precisa fazer algum trabalho voluntário, ele próprio, em volta da casa.

Um conselheiro matrimonial disse que jamais haveria um divórcio se os casais aprendessem a dizer logo no começo do dia: "O que você quer de mim hoje?" Ou "o que posso fazer para tornar você feliz hoje?" Satisfazer as necessidades um do outro significa arrumar a cama e limpar o banheiro de vez em quando.

7. *Deixe que ela saiba que você a aprecia.* Diga-lhe quão atrativa é, quão talentosa, quão bondosa. Admire seu físico — e sua personalidade. Quanto tempo faz que você não pisca ou assobia para sua esposa? Você é velho demais? Não acredito nisto!

8. *Mostre consideração.* Não caiu da moda abrir a porta para a esposa e carregar as coisas para ela. E mesmo que tivesse caído da moda, as mulheres gostam dos homens “à moda antiga”.

O pastor pode estar tão acostumado a atribuir responsabilidades, que se esqueça de que precisa fazer algum trabalho voluntário em volta de casa.

Se realmente considera sua esposa, você telefonará para ela quando for chegar tarde, não trabalhará todas as noites da semana, levá-la a uma comemoração especial no mínimo uma vez por mês e combinará com ela antes de trazer para casa os amigos.

9. *Seja um pai compreensivo.* Muitas esposas de pastor reclamam: “Por que ele diz tantas coisas boas quando está atrás do púlpito e tem um súbito lapso de memória quando chega à porta da rua? Se tão-somente ele ouvisse seus próprios sermões, seria um pai maravilhoso!”

Se você não se sente capaz de pôr em prática o que prega, você precisa de ajuda. Salvar seus filhos é sua principal missão. Mesmo o presidente da comissão da igreja e o presidente da Associação, concordam com esta declaração.

Não permita que um conflito com seu filho mantenha a tensão entre você e sua esposa. Sua vida matrimonial não merece isto. Procure aconselhamento. E não me diga que não pode porque onde você mora não há conselheiros cristãos. Para ajudar, o conselheiro não precisa ser cristão. Há muitos conselheiros dignos que às vezes não são cristãos. Deus pode querer que você testifique ao conselheiro. Ele pode querer o conselheiro em Sua obra, e você pode ser o embaixador de Deus para levá-lo, seja homem ou mulher, à salvação.

E não me diga que não pode ir ao conselheiro porque tem medo do que os membros da igreja digam se soubessem que você se rebaixou! Os membros de sua igreja entenderão. Eles pensarão mais em dar-lhe a ajuda de que você precisa. Antes, diga: “Eu não nasci pai e é muito importante que eu aprenda as verda-

deiras funções paternas, a fim de que oriente os meus filhos da maneira que Deus deseja. Devo pôr em prática o que estou aprendendo.”

E se uns poucos membros criticam sua decisão, não se aborreça. Por certo eles estão criticando também todas as demais coisas que você faz!

10. *Abra as portas da oportunidade para sua esposa.* Não pense em sua própria carreira e progresso. O que dizer quanto aos dela? Há alguma coisa que você possa fazer para ajudá-la a preencher o seu potencial dado por Deus? Por que não se reunir com sua esposa e discutir esta questão?

Você foi chamado para o ministério. Você foi para o colégio preparar-se para o seu trabalho. Você é o pastor. Mas só porque você foi chamado para o ministério, não significa que sua esposa o foi. Sim, ela está resolvida a permanecer ao seu lado em tudo aquilo que você escolher fazer, e ser sua ajudadora, mas Deus pode ter uma missão especial para ser desempenhada por intermédio dela, e ela pode precisar também de você como seu ajudador.

Se sua esposa desejar voltar à escola, ajude-a a fazer um plano que torne isto possível. Mesmo que as crianças sejam pequenas e ela não queira deixá-las, ela pode retirar livros da biblioteca e começar a estudar em seu ramo preferido. E conheço uma boa escola por correspondência chamada Estudo Internacional do Lar.

Não venha com a desculpa de que não há dinheiro. Verifique novamente o seu orçamento. O que você pode cortar em benefício de sua esposa? Se você puder separar dez cruzados novos por semana, isso dará 520 cruzados novos no ano seguinte, para instrução.

A satisfação do seu casamento está fadada a aumentar quando sua esposa se sente completa em sua vida pastoral. Por que não abrir a porta da oportunidade para ela?

11. *Dedique tempo para estar só com ela.* Leve-a para um romântico passeio de fim-de-semana. Sem as crianças! Retire a cadeirinha do bebê e faça a arrumação. Torne isto uma questão anual.

Conheço uma igreja que se deleita em fazer surpresa ao pastor duas vezes por ano agitando diante dele um cheque para gás e alimento e a chave para um quarto de hotel em algum lugar reservado, próximo ou não muito perto. Sua mensagem é: “Ide. Sabemos que sereis um pastor melhor se fizerdes uma parada ocasio-

nal com vossa esposa." (Você poderá querer transmitir essa idéia ao primeiro ancião. Se não, sua esposa certamente se sentirá feliz em fazê-lo.)

Acredite ou não, você pode dar uma escapada ocasionalmente em um fim-de-semana. Na verdade, você poderá ficar surpreso de quão bem os membros da igreja progridem sem você. E, como as crianças em desenvolvimento, eles podem até gostar de sua "liberdade".

12. *Seja o guia espiritual de sua família.* Você sabia que um estudo revelou que as mulheres consideravam como a maior falta dos ho-

mens o serem fujões religiosos? Não permita que isto seja verdade com respeito a sua pessoa! Como seria? Você é o pastor.

Ser pago para pastorear uma igreja não é uma apólice de seguro para a espiritualidade. Tenho ouvido de pastores que sofrem de amnésia temporária em casa. Eles nunca oram. Jamais dirigem o culto familiar. Eles se esquecem também dos dez mandamentos e os transgridem de maneiras tais como: "adorando" o futebol segunda-feira à noite e os esportes de domingo à tarde e tudo que acontece nos intervalos (1º mandamento); jurando (3º mandamen-

Pegadas na Vida

Por meio de seis requisitos, a autora mostra os passos que podemos deixar registrados, e como estes contribuem de maneira significativa para orientar os nossos filhos.

Ao dar os últimos passos, de sua residência até o lugar onde foi assassinado, Mahatma Gandhi deixou pegadas que hoje estão gravadas uma por uma, na terra que ele tanto amou. Ao visitar aquele santuário, cada pessoa se detém diante dessas pegadas. Representam o propósito e a visão daquele líder que dedicou a vida à promoção da liberdade e à determinação própria de seu povo.

Como Mahatma Gandhi, todos deixamos pegadas imperceptíveis, por onde passamos, e outras que ficam gravadas no coração daqueles que nos rodeiam, para estímulo, afeto e inspiração.

As pegadas mais salientes as deixamos na vida de nossos filhos. Deus nos deu os filhos como Sua herança, a fim de que os orientemos, e lhes ensinemos a essência da vida. O sábio Sa-

lomão diz com acerto: "Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele." Prov. 22:6.

Instruir, ensinar, educar é mais do que transmitir conhecimentos. É preparar a criança para encontrar sua identidade como filho de Deus; fazê-la ir à fonte do verdadeiro conhecimento; ajudá-la a aprender a pensar por si mesma e a tomar suas próprias decisões; descobrir sua posição no mundo que a rodeia e as oportunidades que lhe oferece para seu crescimento e desenvolvimento; para confiar em Deus como seu Pai.

Em *Educação*, pág. 292, lemos: "Esta é a obra mais delicada e mais difícil que se tem confiado a seres humanos. Exige o mais delicado tato, a maior suscetibilidade, conhecimento da natureza humana, e uma fé e paciência oriundas do Céu, dispostas a trabalhar, vigiar

Irma B. Vyhmeister
Aconselhamento do Lar

to); não visitando seus pais durante meses num momento em que estes moram na cidade próxima (5º mandamento); pronunciando palavras iradas porque a criança não obedeceu (6º mandamento, de acordo com a interpretação de Jesus em S. Mat. 5:21 e 22); tirando moedas do cofre do filho pequeno (8º mandamento); mentindo sobre a idade do filho, para poder entrar em um lugar de diversão (9º mandamento); ou mesmo cobiçando a Joana do vizinho (10º mandamento).

Você não pode viver uma vida de agente duplo e esperar conservar ativo o amor de sua es-

posa. Quem é o verdadeiro você? Seja o verdadeiro líder espiritual de sua família. Sua esposa o amará por isto!

Bem, aqui está a minha receita para agradecer sua esposa — e aumentar sua própria felicidade conjugal. E se você está tentado a dizer: “Não há esperança para nós; jamais qualquer coisa mudará minha esposa”, lembre-se: você apenas está terminando um casamento que está querendo pôr em ordem.

e esperar. É uma obra que nada sobrelevará em importância.”

Os anos formativos são impressionáveis e são os que modelam o caráter e os valores da criança. É a experiência desses anos que exercerá a maior influência em sua vida. Façamos desses anos um legado valioso, considerando os seguintes pontos:

I. *O culto familiar*

Envolvamos a criança nestas atividades.

Imaginemos uma sexta-feira à tarde, ao pôr-do-sol. Reina alegria entre os componentes do lar. As crianças participam com seus pais das primeiras horas sagradas do sábado. Cantam um hino preferido ou aprendem um novo. Repetem um verso da Bíblia e comentam o seu significado. Cada qual comenta um incidente significativo, ocorrido durante a semana. Lêem uma história da Bíblia e todos oram — uma conversa curta com seu amigo Jesus.

Ocasões assim ficam gravadas na mente e no coração, e se tornam o fio norteador no caminho incerto da vida.

Numa pesquisa realizada entre jovens, procurou-se saber a respeito do culto familiar, leitura, esportes, música, e qual a sua reação diante da tentação de fumar, tomar bebidas alcoólicas ou usar drogas. Notou-se uma relação positiva entre o culto familiar e a determinação de não beber, não fumar ou usar droga, mostrando que o culto em família impede os jovens de buscarem atividades que lhes prejudiquem a saúde e a vida.

Em *O Lar Adventista*, pág. 92, diz o seguinte: “Precisamos oferecer aos jovens um incen-

tivo para praticarem o bem. Não bastam para eles a prata e o ouro. Revelemos-lhes o amor, a misericórdia e a graça de Cristo, a preciosidade de Sua palavra e as alegrias do vencedor. Mediante tais esforços, será efetuada uma obra que durará por toda a eternidade.”

II. *Dedicar tempo aos filhos*

Nossos irmãos mórmons seguem um costume exemplar — o de dedicar uma tarde exclusivamente à família. Nenhum outro compromisso é tão sagrado quanto este. Todas as atividades giram em torno da família, a fim de aprenderem a conhecer-se, apreciar-se e honrar a Deus. Poucos jovens mórmons abandonam a fé.

O dia da família é uma idéia que deve ser posta em prática em nossos lares. Muitos filhos não vêem o pai nem têm oportunidade de conversar com ele. O propósito principal do dia da família é a aproximação entre pais, filhos e Deus. A família adventista que mais tempo dedicar aos filhos em atividades comuns, melhor apreciará o que pensam seus filhos, quais são suas ambições e aspirações, suas dúvidas, seus triunfos e seus problemas. Isto é evangelismo prático no lar, cujos resultados só a eternidade tornará conhecidos.

Privamos nossos filhos de seus direitos naturais, deixando de dedicar-lhes tempo. Por isso eles se ressentem, chegando a pensar que não são importantes para nós. Sua estima própria diminui, e concluem que os não amamos. Uma vez longe do ambiente do lar, procuram compensar essa necessidade indo em busca de amigos que os entendam e de atividades dife-

rentes, separando-se da família e da igreja.

Em suas palestras sobre a família, o Dr. Dobson sugere a hora de dormir como a melhor para se dedicar aos filhos pequenos. É uma hora receptiva, na qual se pode conversar com a criança, ler histórias que ajudam a criança a estabelecer valores espirituais e sociais. É esta a oportunidade de afirmar na criança nosso amor a ela e fazê-la sentir que é um membro valioso da família que Deus uniu.

O dia da família é uma idéia que deve ser posta em prática em nossos lares. Muitos filhos não vêem o pai nem têm oportunidade de conversar com ele.

As crianças estarão conosco por uns poucos anos apenas. São nossa propriedade. Dedicamos-lhes tempo hoje. O amanhã não nos pertence.

III. *A mesa em família*

Tomar a refeição junto com a família é tomar parte em uma atividade íntima e vital num ambiente acolhedor. Esquecemos os momentos desagradáveis; não é a ocasião para se chamar a atenção da criança. À mesa, as crianças aprendem a ser corteses com os pais e entre si, aprendem a ter confiança própria, ao expressarem suas opiniões, a darem graças a Deus pelo que possuem sem cobiçar as coisas de outras crianças.

Em *Educação*, pág. 20, lemos: "A hora da refeição deveria ser um momento de sociabilidade e descanso. Deveria desaparecer tudo o que aborreça ou irrite. Deveriam ser abrigados sentimentos de confiança, bondade e gratidão para com o Doador de todo o bem, e a conversação deveria ser alegre e de caráter comunicativo; que eleve sem cansar."

Isto é verdadeiro especialmente nas sextas-feiras à tarde e no sábado, para dar caráter sagrado à nossas atividades. As refeições fazem parte integral da vida.

A refeição de sexta-feira à tarde deve ser leve. Em certo lar se servia uma sopa de aveia com um pouco de creme, pãezinhos frescos e alguma fruta. A toalha limpa, a louça de sábado e umas flores no centro da mesa davam um toque festivo àquela refeição. Em outra casa

era uma salada de batata mais bem preparada ou um prato de massa ou macarrão com ingredientes. O importante é que se tenha um prato preferido que represente os valores alimentícios da família e da cultura em que vivemos, além de serem nutritivos.

A primeira refeição do sábado é outra ocasião importante. Deve ser simples e fácil de servir. Um cereal seco como granola ou torradas com leite e suco de frutas, ou um pão torrado com manteiga de amendoim e fruta, e uma bebida à base de leite. Cada membro da família tem sua responsabilidade antes e depois da refeição, lavando a louça e deixando tudo limpo e em ordem, para chegar à Escola Sabatina com um sentimento de reverência e de união.

O almoço do sábado pode ser uma bênção. Prepara-se um prato principal na sexta-feira, o qual se completa com arroz ou batata, uma salada e uma sobremesa simples. É a oportunidade de convidar visitas, membros novos, amigos ou colegas dos filhos. Todos podem ajudar a terminar o almoço e juntos tomar parte na refeição de que se dispõe, com alegria e gratidão. Esta é a essência da verdadeira hospitalidade.

Verificou-se a importância de participar da mesa familiar em um estudo feito pela Universidade de Illinois com 120 meninos e meninas de 7 a 11 anos. Todos procediam de lares nos quais as mães trabalhavam fora de casa ou permaneciam nesta. Constatou-se que as crianças que comiam junto com os pais e irmãos eram mais adiantados na escola e iam melhor nas provas do que as que se alimentavam sozinhas. O fato de a mãe trabalhar fora ou permanecer em casa não tinha importância. O mais importante é que a família participe junta das refeições. Concluiu-se nesse estudo que as refeições em família podem servir de indicador do sucesso escolar da criança.

Diz *O Lar Adventista*, na página 440: "Seja a conversação da família em torno da mesa de um caráter tal que deixe uma influência frangente na mente das crianças."

IV. *pensamentos positivos*

Lemos em *Educação*, pág. 283: "Deveríamos guardar-nos contra a tendência à crítica ou à censura. A censura contínua perturba, mas não reforma. Para muitas mentes... uma atmosfera de crítica hostil é fatal para o esforço. As flores não se abrem ao sopro da ventania.

Ao passar em frente de uma casa, ouvi uma

voz descontrolada e forte dirigir-se às crianças em palavras ásperas e feias. Havíamos visitado aquela família, e a mãe corrigia cada movimento das crianças. Tive pena delas, pois em tão tenra idade eram alvo de crítica viciosa, sem que lhes fosse ensinado ou exigido nada que as levasse a um comportamento razoável.

Numa reunião sobre finanças no lar, havia vozes discordantes, algumas cheias de crítica mordaz. O descontentamento havia atingido fibras sensíveis. Todos falavam ao mesmo tempo. A jovem esposa de um pastor pediu a palavra.

“Sou filha de obreiros”, começou ela, “mas nunca achei que fôssemos pobres. Cresci com a idéia de que tínhamos tudo. Minha mãe era uma verdadeira artista. Lembro-me de que nosso alimento era simples, nutritivo, de boa aparência e saboroso. À mesa havia sempre um ramalhete de flores que ela cultivava em seu jardim, ou alguma planta. Na sexta-feira usava-se uma toalha limpa e louça destinada ao sábado. Não possuíamos móveis caros nem objetos de valor, mas o ambiente era acolhedor, revelando ordem e limpeza. Meus pais sempre nos dedicavam tempo; brincavam e passeavam conosco. Quando meu pai viajava, minha mãe nos reunia e conversava com a gente. Tenho procurado fazer o mesmo em minha casa. Meu prazer é fazer com que meus filhos sintam que os amo e quão valiosos são para nós. Realçamos as coisas belas da vida que não custam muito dinheiro.”

Ao ouvi-la, lembrei-me das palavras de Ralph Waldo Emerson: “O sinal invariável de sabedoria é ver nas coisas comuns da vida aquilo que é maravilhoso e de valor.” E aquela jovem aprendera de sua mãe algo mais valioso do que o ouro ou a prata.

O livro *O Lar Adventista*, pág. 440, diz: “No lar o espírito de criticismo e maledicência não deve ter lugar. A paz do lar é demasiado sagrada para ser maculada por este espírito.”

V. O desempenho de responsabilidades

Diz o livro *O Lar Adventista*, pág. 288: “No fiel desempenho de simples deveres do lar, os rapazes e as meninas lançam os alicerces da excelência mental, moral e espiritual.”

Disciplina, cortesia e compreensão devem reinar no vínculo sagrado da família. Nosso mundo moderno é complexo. Inunda-nos um abismo de maldade e de pecado. O lar, porém, deve ser o centro da família, um refúgio dos filhos na resistência à crescente maré de crimi-

nalidade que se atira contra a criança e a sociedade. O lar é o oásis físico e emocional no qual marido e mulher podem expressar seus sentimentos e pensamentos em intimidade; onde os filhos crescem à sombra desse amor e cercados por ele. É um lugar de descanso e relaxação das tensões do trabalho, onde se sonha e sente segurança.

A mulher é o centro desse oásis. Ela alimenta física e emocionalmente sua família. Tudo gira em torno dela, trabalhe ou não fora de casa. A direção da casa e seu funcionamento precisa continuar. É aí que a criança construirá o caráter que a guiará na vida. Onde a criança, e depois o jovem, aprenderá a disciplina do trabalho e do estudo. “Os filhos são sócios da firma” doméstica. Devem ajudar a manter limpa a casa e seus objetos em ordem.

A primeira refeição do sábado é outra ocasião importante. Deve ser fácil de servir. Cada membro da família tem sua responsabilidade antes e depois da refeição.

Além de suprir as necessidades físicas, devem os pais compreender também as necessidades emocionais, sociais, intelectuais e espirituais das crianças e dispensar-lhes tempo quando necessitarem.

No livro *Conselhos sobre o Regime Alimentar*, pág. 573, lemos: “Assim, em muitos sentidos a felicidade da vida está ligada à felicidade com que são desempenhados os deveres comuns.”

VI. Manifestar amor

Diz Ellen White em *Educação*, págs. 283 e 284: “Quando um pai ou professor se impacienta e corre o risco de falar imprudentemente, guarde silêncio. Há no silêncio um poder maravilhoso.”

A divisão entre as gerações não precisa existir em sentido negativo. Precisamos dedicar tempo para entender os pensamentos e sentimentos de nossos filhos, especialmente nos difíceis dias da adolescência. Para ganhar-lhes a confiança e o respeito. Se não o fizermos, as crianças podem tornar-se estranhas, e difíceis de se viver com elas.

Dinheiro em vez de tempo e carinho, torna ainda maior a brecha, e pode despertar sentimentos antagônicos para com os pais. Demonstra-se o amor de muitas maneiras. O importante, porém, é acompanhar o crescimento dos filhos e adaptar-se a eles na infância, adolescência e quando adultos.

A divisão entre as gerações não precisa existir em sentido negativo. Precisamos dedicar tempo para entender os pensamentos e sentimentos de nossos filhos, especialmente nos dias da adolescência.

Um filho adolescente escreveu a seus pais: "Vocês pensam que me compreendem, mas na realidade não é assim. Gostaria de consultá-los a respeito de meus problemas e obter o conselho de vocês. Mas toda vez que procuro fazê-lo vocês estão ocupados, ou me dizem que não me preocupe. Gostaria que ouvissem o que vai em meu coração. Vocês não sabem quem sou, porque não tomam tempo para descobrir.

"Papai, enfadas-me quando me desafia e me chamas de nobre. Mamãe, não posso falar contigo de meus problemas, porque toda vez que procuro fazê-lo, tentas arrancar de mim

coisas que não gostaria de revelar-te. E detesto 'abrir o jogo'. Preferiria falar com vocês sobre minha vida e outras coisas que vocês nunca entendem.

"Vocês são bons pais, e eu os amo. Gostaria apenas que fôssemos mais unidos para nos compreendermos melhor."

A porta deve estar sempre aberta para ouvirmos os nossos filhos. Os pais devem proferir palavras de elogio pelo trabalho bem feito e estimular o esforço feito ao ser empreendida nova tarefa. Toda criança experimenta pequenas vitórias e alegrias bem como frustrações e derrotas que precisa contar àqueles que a amam. Ouçamos. Aprenderemos muito!

Ao nos acharmos diante da responsabilidade de educar os nossos filhos para serem úteis à sociedade e à igreja, devemos lembrar que o amor que dedicamos nos será devolvido com juros. Os filhos são-nos a melhor dádiva concedida por Deus. Louvemos a Deus com eles no lar, na mesa familiar, na igreja, nos divertimentos, na alegria e na devoção.

Mas, sobretudo, vivamos em toda a sua fragrância a vida cristã com suas satisfações e triunfos, sua grandeza espiritual, sua riqueza social e intelectual, sem realçar os aspectos negativos da vida, mas ensinando a enfrentá-los e resolvê-los.

As pegadas que deixarmos no coração de nossos filhos serão assim um farol que ilumina o caminho do barco nas trevas da noite e o conduz com segurança ao porto da eternidade.

Evangelismo: A Mudança para Melhor

Saiba como foi mudada uma filosofia com respeito à conquista de almas, e como isto resultou em 50% a mais do alvo estabelecido. Pastores e membros começaram a ver as coisas de um ponto de vista diferente.

Certo pastor da Divisão Sul-Americana perguntou-nos, tempos atrás qual o segredo para o grande crescimento e batismos. Referia-se ao fato de nosso Campo, em fins de novembro, ter alcançado e ultrapassado o alvo 50%, quando em anos anteriores as coisas foram bem diferentes.

Segredo! Refleti. Penso que não há segredo. O que estamos fazendo é apenas seguir o programa definido pela Organização Superior, acreditando em cada projeto, adaptando-o à realidade de nossa região, sem mudar, é claro, sua filosofia e objetivo central.

Oito anos atrás, quando a M.A.O. foi organizada, tínhamos 8 igrejas organizadas e 46 grupos, num total de 3.900 membros. A maioria destes eram migrantes de outras regiões do país, principalmente do Sul e Centro-Oeste, que para cá vieram na esperança de conseguir terras e fortuna no novo "Eldorado Brasileiro", como era chamado na propaganda, na época, o território de Rondônia, pelo governo federal.

Igreja diferente

Formou-se então uma igreja diferente das estabelecidas na U.N.B. Grupos inteiros apareciam da noite para o dia, e as lideranças das antigas comunidades passaram a ser esti-

muladas por esses recém-chegados destemidos e fortes, dispostos a enfrentar qualquer situação, contanto que seus objetivos fossem alcançados.

Nos quatro primeiros anos, crescemos por adição. Era bem maior o número daqueles que se uniam à jovem Missão por transferência, do que a dos que se uniam por batismos. Isto deu impulso ao campo. Foram construídos templos, escolas e casas pastorais. O governo deu sua colaboração distribuindo terras à igreja. Foi fundado o primeiro internato, e o patrimônio aumentou consideravelmente. Passou-se a construir uma nova sede para a Missão, compatível com as recentes exigências do desenvolvimento. Foram, sem dúvidas, bons tempos.

Não demorou muito para que surgisse no meio da irmandade uma filosofia perniciosa: "O povo aqui não quer saber de religião. O negócio deles é o dinheiro."

Isto contribuiu para que em 1982 houvesse um decréscimo de batismos, em relação ao ano anterior. No ano seguinte, a quantidade de novos conversos se manteve estável em relação a 82, mas inferior a 81. Em proporção, crescemos muito, já que o número de membros continua-

*"Como tudo na vida,
evangelismo não se aprende só
com a teoria. É preciso viver,
experimentá-lo."*

Adamor Pimenta
Presidente de Campo

va a crescer pela migração. Deixamos de alcançar nossos alvos. Estávamos na retaguarda.

Trabalho com os pastores

Precisávamos fazer alguma coisa, e começamos pelos pastores. Era preciso fazê-los crer de maneira diferente de suas congregações. Eles necessitavam de confiança em si mesmos como pastores e, principalmente, como evangelistas bem-sucedidos. Tínhamos a certeza de que, feito isto, eles mesmos transmitiriam os novos conceitos às suas igrejas; mas o caso era como fazer.

Como tudo na vida, evangelismo não se aprende só com a teoria. É preciso viver, experimentá-lo. Foi o que fizemos. Partimos do ponto de vista de que “a obra evangelística... deve ocupar mais e mais o tempo dos servos de Deus”. — *Evangelismo*, pág. 17.

“Existem hoje missionários voluntários que ganham, sozinhos, mais de 20 almas por ano, e conseguimos um número expressivo de envolvimento de membros no ganho de almas.”

Visitamos cada ministro. Oramos com eles e apresentamos a teologia da obra pastoral, partindo de Atos 6:4, ajudado pelo homem da União. Estimulamos a que trabalhassem organizados, com planejamento, e até ajudamos alguns a fazê-lo. Nesse planejamento uma coisa não podia faltar: duas séries de conferências, realizadas por eles mesmos. Uma na Semana Santa e, a outra, em agosto, conforme o calendário. Todas de 30 dias de duração, no mínimo.

A administração desempenhou papel fundamental nesse trabalho, concedendo verba e material a cada um deles, sem discriminação, e até departamentais foram usados para participar do programa e dar exemplo aos distritais.

Não demorou muito, alguns pastores começaram a alcançar seus alvos pela primeira vez. No concílio que precedeu à primeira experiên-

cia, foi solicitado que cada obreiro desse um relatório de suas atividades no distrito e, principalmente, de seu trabalho como evangelista. O concílio foi longo, mas valeu a pena. Foi como se aqueles pastores estivessem eletrizados. O programa do Campo passou a constar de experiências contadas por eles.

Em fins de 1984, ultrapassamos pela primeira vez a casa dos 1000 batismos; e, em 1985, alcançamos o alvo pela segunda vez. Mais confiantes agora, alguns dos pastores se arriscaram a propor alvos distritais que ultrapassavam a casa dos 100 batismos.

No ano seguinte, 1986, aconteceu um fenômeno. Os pastores não mais contavam com seus membros para o trabalho de evangelização, e passaram a estabelecer seus alvos de acordo com o que achavam que poderiam alcançar nas próprias conferências que faziam. Isso trouxe grande preocupação. Havia por trás de tudo aquilo uma filosofia que deveria ser posta de lado.

Felizmente, a primeira barreira foi derrubada. Não existe povo difícil ou comunidade inacessível ao evangelho. O que existe é falta de método adequado para alcançá-los, aliada ao pensamento positivo de que pela graça de Deus tudo é possível, embora nem sempre seja fácil ou cômodo.

Trabalhando a igreja

Mas era preciso converter a igreja para esta realidade. As coisas estavam mais fáceis agora. Tínhamos já os departamentais, os pastores se haviam até tornado apologistas, mas necessitávamos da liderança. Mais uma vez, a participação do departamento dos Ministérios da Igreja foi fundamental. Chegara a hora dos cursos, dos concílios de anciãos, diáconos e líderes de igrejas. Em algumas reuniões, chegamos a estudar o livro *Serviço Cristão* capítulo por capítulo, em forma de questionário. Passamos a estimular os missionários das igrejas, oferecendo prêmios em material evangelístico, como projetor e coleções de slides àqueles que mais batizassem.

Orientamos os pastores, de antemão, no sentido de que ficassem atentos aos que continuassem a dizer que o programa não daria certo,

que era impossível, que só funcionava lá, etc. Eles deveriam ignorá-los e, caso persistisse a hostilidade, deixá-los fora da liderança. Louvado seja Deus! pois não foi preciso tal atitude. Mais rápido do que pensávamos, a igreja acreditou e, pelo poder de Deus, passou a ter uma visão eminentemente evangelística.

Em fins de agosto de 1987, lançamos o alvo de batismos e, em novembro, já estávamos com 50% a mais. Todos os pastores do Campo, em média, foram centuriões. Existem hoje missionários voluntários que ganham, sozinhos, mais de 20 almas por ano, e conseguimos um número expressivo de envolvimento de membros, no ganho de almas, da ordem de 5 para cada alma ganha.

Creio que se deve tudo isso a um esforço concentrado de todos. Em primeiro lugar, a Deus, pela inspiração. À U.N.B., que soube, a

cada momento, estar atenta às necessidades, e supri-las com orientação, participação, dinheiro e homens. Aos administradores, que tiveram coragem de atacar uma área inicialmente incômoda aos pastores, sem se sentirem preocupados com as eleições nas Quadrienais. Aos departamentais, que unificaram seus programas, levando a igreja a uma ação concentrada e, ao mesmo tempo, mais dinâmica em todas as áreas. Aos pastores, que não tiveram medo de trabalhar, nem vergonha de corrigir suas opiniões, pois estavam dispostos a aprender sempre, raciocinar mais e servir melhor. Dos líderes e irmãos da igreja, que descobriram a verdadeira riqueza de servir ao Mestre.

Não pretendemos já saber tudo. Preferimos dizer que estamos aprendendo sempre mais, a cada dia que passa.

Em Favor de um Peso Melhor

Você não precisará estar aumentando os furos no seu cinto, se encontrar as motivações para emagrecer e escolher os alimentos de baixa caloria. Cuide com os convites para comer!

Como pastor, quase todos os dias você precisa lidar com problemas que se relacionam com sua igreja e a vida pessoal de seus membros. A paz agitada da vida de hoje, acrescenta ao esforço mental e emocional mais estes problemas. No topo destes, os compromissos e as obrigações sociais parecem nunca ter fim. Temos que atender os assuntos triviais, bem como o jantar na casa da irmã Elza — sem falar na escola de culinária que está sendo planejada.

O esforço e os compromissos sociais como estes, podem fazer parte do motivo pelo qual

seu cinto não abotoa no mesmo lugar que o fazia no ano passado. Mas com motivação adequada, a atenção à nutrição e ao exercício, você pode controlar seu peso e viver a vida saudável que Deus deseja que você tenha.

Encontre motivação duradoura

Se o caminho para você controlar seu peso envolve um programa comercial ou esforço individual, sua motivação desempenha um

Laurie Wright Brown
Doutor em Nutrição

papel importante em determinar o seu êxito. Os incentivadores mais comuns são a pressão social, o desejo de saúde e uma necessidade de mérito próprio.

A obesidade aumenta a possibilidade de doenças das coronárias, pressão sanguínea elevada, problemas de coluna, artrite e outras desordens relacionadas, e diabetes, e torna a cirurgia mais arriscada. Estes perigos são motivadores iniciais muito comuns mas a motivação raramente nasce de temores extremos. Para manter o sucesso do emagrecimento, você precisa encontrar outros motivadores.

Como pastor, você pode também estar motivado por pressões sociais, como as reações presentes ou antecipadas dos membros da igreja ou dos oficiais da Associação ao aumento do seu peso. Embora, como é verdadeiro no que se refere à saúde precária, essas pressões muitas vezes dêem início à busca de controle de peso, freqüentemente, depois de uma apreciação pessoal inicial bem-sucedida, tomam a dianteira como o principal motivador. A intensidade da satisfação que acompanham a perda de peso inicial perpetua o processo.

A certeza de que Deus lhe dará a força, a coragem e a convicção para obter o peso desejado, pode ocasionar estas motivações. Quando diante da tentação, é importante que você esteja disposto a pedir forças ao Senhor — e depois dar-Lhe a glória pelo sucesso.

Uma vez que você tenha feito um compromisso sério de perder peso, continue com determinação. Os repetidos ciclos de diminuição e aumento de peso parecem tornar o emagrecimento cada vez mais difícil.¹ Embora você jamais possa eliminar inteiramente o esforço, você terá maior probabilidade de ser bem-sucedido se esperar para começar seu programa de emagrecimento quando o esforço tiver alcançado um mínimo.

Escolha os melhores alimentos

Assumido o compromisso de continuar administrando o peso, um aspecto natural para iniciar são os hábitos alimentares. Meio quilo de gordura corporal provê o excesso de 3.500 calorias. Se todas as outras coisas forem iguais, comer 500 calorias a menos ca-

da dia, durante uma semana, produziria a perda de meio quilo de peso.

Mas comer algumas espécies de alimentos fará com que você adquira mais peso do que se comer outras espécies — embora você consuma a mesma quantidade de calorias em cada uma. O corpo precisa consumir certa quantidade de caloria, para transformar os hidratos de carbono das batatas, do pão e dos cereais em gordura, mas pode transformar com eficiência a gordura da manteiga, margarina, do enfeito da salada, da maionese, nozes, pastas de amendoim e do queijo em gordura corporal. Alguns pesquisadores têm dito que numa dieta mista normal, rica em hidratos de carbono, há sete vezes as calorias necessárias para conseguir meio quilo de peso, como acontece em uma dieta rica em gordura.”

Em um estudo recente, os pesquisadores mantiveram o nível calórico do regime alimentar das pessoas, mas reduziram o conteúdo de gordura, substituindo-a pelos carboidratos complexos das verduras, grãos e frutas. Na dieta resultante, apenas 20 por cento das calorias que as pessoas consumiam vinham de gordura. Esta simples mudança trouxe em média a perda de 7 quilos de peso em um período de 16 semanas.³

O repetido ciclo de diminuição e aumento de peso parece tornar o emagrecimento cada vez mais difícil.

As pessoas que fazem regime para emagrecer, portanto, não precisam privar-se de alimentos nutritivos a fim de diminuir o peso. Podem simplesmente substituir os alimentos gordurosos do seu regime alimentar por hidratos de carbono não refinados.

O elevado consumo de gordura não só contribui para o aumento de peso, como também tem estado associado às doenças cardíacas e ao câncer em especial do colo, do seio e da próstata. A Associação Americana do Coração e o Instituto Americano de Pesquisa do Câncer, recomendam que no máximo 30% das calorias provenham das gorduras. Poucos rótulos de alimento exibem a porcentagem de calorias contida nos alimentos que provêm de gordura, mas

pela informação encontrada nos rótulos você mesmo a determina.

O rótulo talvez lhe diga quantos gramas de gordura há no alimento. Multiplique os gramas de gordura por 9 (a gordura tem 9 calorias por grama; o carboidrato e a proteína, quatro). Depois, divida as calorias da gordura pelo total de calorias. Digamos, por exemplo, que um rótulo apresente o total de 90 calorias e cinco gramas de gordura. Multiplicando por 9, isto revela que 45 das 90 calorias provêm de gordura — 45/90, ou 50 por cento.

Alguns dos alimentos denominados “leves”, possuem elevado teor de gordura, e por esse motivo não são a melhor escolha. Por exemplo, a gordura compreende cerca de 74% das calorias do queijo regular cheddar. O queijo Kraft Lite 'n Lively obtém 51 por cento de suas calorias da gordura, e o Borden's Lite Line apenas 36 por cento. Mas no queijo de “gordura reduzida” de New Holland, a gordura responde por 80% das calorias!

Você pode substituir as gorduras visíveis por alguns produtos de baixa caloria bastante acessíveis. Por exemplo, pode evitar 100 calorias, substituindo uma colher de sopa de manteiga ou margarina por pequenas quantidades de manteiga condimentada. Use essas pequenas quantidades em alimentos como verduras ou massas cozidas. Elas são boas também em batatas cozidas: derrame um pouco de leite desnatado sobre uma batata cozida, salpique o pó sobre ela e esmague-a com um garfo.

Você pode evitar outras 100 calorias provenientes da gordura diária, usando saladas enfeitadas de baixa caloria, em lugar das saladas enfeitadas regulares. Substituir três copos de leite desnatado pela mesma quantidade de leite de baixo teor de gordura (2 por cento), privá-lo de outras 100 calorias provenientes de gordura.

Quando receber convite para tomar sorvete, procure substituir por leite desnatado evaporado. Ao receber convite para comer ovo, substitua por duas claras de ovo — evitando cerca de 50 calorias, sem mencionar cerca de cinco gramas de gordura (equivalentes a uma colher de chá de margarina) e 270 miligramas de colesterol.

A mudança nos métodos culinários pode também reduzir o consumo de gordura. Em lugar de fritura, vapor, assar ao forno, cozinhar, ou assar na brasa. Quando fritar, use os pulve-

“O elevado consumo de gordura não só contribui para o aumento de peso, como também tem estado associado às doenças cardíacas e ao câncer, em especial do colo, do seio e da próstata.”

rizadores de baixa temperatura, sem vareta, para reduzir a quantidade de óleo de que você necessita.

Uma vez que os pães de farinha integral e de cereais ajudam a diminuir o peso, procure a palavra *integral* na lista dos ingredientes dos alimentos que você compra. Em outras palavras, compre pão feito com *farinha de trigo integral*, em lugar da *farinha de trigo* comum (que é a farinha branca). Um estudo constatou que os participantes que escolheram o pão de farinha integral, perderam três quilos a mais do que aqueles que escolheram o pão de farinha refinada, depois de oito semanas.

Da mesma forma, o consumo de frutas aumenta consideravelmente o nível de saciedade (redução de fome), quando comparado com o consumo de igual número de calorias na forma de suco de fruta. A fibra dos cereais integrais e das frutas aumenta a dilatação gastrointestinal. Isto, em compensação, retarda o início da sensação de fome. Os alimentos não refinados produzem também aumento de insulina, e, por esse motivo, reduzem a hipoglicemia, que produz o desejo de comer sempre.

Uma vez que o açúcar não possui nenhuma fibra, evite o quanto possível os alimentos açucarados. Eles não só estimulam o apetite por mais açúcar, como também aumentam grandemente a secreção de insulina — uma antagonista das enzimas que decompõem as gorduras.

O melhor conselho sobre nutrição é comer uma grande variedade de alimentos integrais ou não refinados, uma refeição matinal e lanche de bom tamanho, e um jantar bem leve. Procure meios de reduzir o consumo de gordura da média geral de 37 por cento de calorias, para menos de 30 por cento.⁴ No período de um ano, cada 100 calorias de gorduras eliminadas do consumo diário, produzirá uma perda de 10 quilos, aproximadamente.

Muitas ocasiões convergem para a alimentação. Para controlar seu peso, você deve aprender como responder a estas situações. Como a maioria das pessoas que procuram perder peso sabem muito bem, um simples “Não, obrigado, estou fazendo regime” detém imediatamente as hostes de pessoas insistentes. Se o oferecimento de alimento vem entre as refeições e o simples “Não, obrigado!” não deu resultado, um polido “agradeço, mas fiz o propósito de não comer entre as refeições” seria útil. Então use suas armas.

Quando você for convidado para comer, faça planos antes. Considere os vários pratos e escolha sabiamente. Depois, para evitar ser estimulado por segundos ou um grande serviço de sobremesa, deixe um pouco de comida no prato, como sinal de que você está satisfeito. Quando alguém lhe perguntar, simplesmente responda que não pode, e mostre que na verdade nem terminou o que já colocou no prato. Afirme a seus anfitriões que o alimento estava gostoso.

O melhor conselho sobre nutrição é comer uma grande variedade de alimentos integrais ou não-refinados, alimentando-se mais nas primeiras refeições do dia.

Quando estiver diante de jantares triviais ou de refeições nas quais houver grande variedade de alimentos, dê um passo para trás e considere a situação. Veja primeiro quais são as melhores escolhas. Limite-se a não usar mais de cinco variedades, e procure não tomar líquido junto com o alimento. Se você usa sobremesa, coma uma quantidade pequena.

Manter um registro por escrito do seu consumo de alimento durante uma semana, pode ajudá-lo a descobrir hábitos que trazem problemas, tais como merenda, e ver o que você pode fazer para mudá-los.

Merendar pode ser um problema de tempo, conveniência ou de frustração. Alguns acham que a tentação de merendar os atinge em ocasiões especiais do dia. Eles podem resolver satisfatoriamente esse problema tornando o alimento inacessível, ou procurando ocupar-se durante aqueles momentos. Outros, simplesmente reagem ao ver o alimento; e a resposta para eles está em manter os alimentos longe da vista.

Pode-se controlar a necessidade de comer por frustração, demorando uns cinco ou dez minutos quando vem o desejo e procurando algo para preencher o tempo.

Pode-se controlar a necessidade de comer por frustração, demorando uns cinco ou dez minutos quando vem o desejo e procurando algo para preencher o tempo. Essa tática ajuda de duas maneiras: Primeiro, ela cria uma tolerância à frustração que lhe dá uma sensação de maior domínio-próprio. E, segundo, a necessidade de merendar em geral é de curta duração e a demora permite que eles passem. Quando você diz não a estes apelos, eles são atingidos pela diminuição da frequência até você conseguir passar um dia sem merendar.

O problema de merendar às vezes envolve também outros hábitos, tais como comer em movimento ou comer vendo televisão. Em nenhum destes casos a concentração mental está no comer. Coma na hora em que você pode saborear o alimento — e está atento ao que você está fazendo.

A pesquisa indica que a hora em que se come influencia o controle de peso. Um estudo verificou que os participantes que consumiam mais calorias no desjejum perdiam substancialmente mais peso e gordura corporal do que aqueles que consumiam mais calorias no jantar.⁵ Em outro estudo, alguns participantes comiam uma refeição de 2.000 calorias na primeira refeição, enquanto outros comiam o mesmo alimento no jantar. Os primeiros conseguiram perder peso, enquanto a maior parte dos últimos aumentou de peso.

O Instituto de Aeróbicos de Kenneth Cooper diz a seus clientes que para o máximo controle de peso eles devem ingerir 75 por cento de suas calorias diárias até à 1:00h da tarde.⁶ Este conselho está de acordo com a recomendação de Ellen White para tomar uma boa refeição matinal, e um lanche e um jantar mais leves — se é que este último deve ser usado.⁷

Queima total das calorias

O Coeficiente Metabólico Basal (CMB) é de especial importância para a perda de peso. Quando você consome calorias de menos, seu corpo reage diminuindo o CMB — uma reação de defesa própria em tudo semelhante a girar o termostato de um forno para conservar o calor. Essa reação explica por que muitas pessoas notam que, depois de algumas semanas fazendo regime alimentar, sua perda de peso diminui gradualmente, embora elas tenham mantido o mesmo consumo de calorias. O desânimo que essa falta de progresso ocasiona, faz com que muitos interrompam a dieta. Mas se fizer exercício regularmente enquanto mantém o consumo de calorias reduzido, seu corpo queima as calorias extras não só durante o período de exercício em si, mas durante todo o dia.

O exercício regular ajuda a normalizar a pressão sanguínea, enquanto a falta dele coloca a pessoa em risco de contrair enfermidade das coronárias. Pelo fato de o exercício submeter os ossos a esforço, o corpo os supre de cálcio adicional — um passo para a prevenção da osteoporose. Além disso, a prática do exercício regular fornece ao corpo melhor controle do sistema hormonal, incluindo a insulina, que ajuda a regular a glicose do sangue, e os hormônios da tensão: a adrenalina, a noradrenalina e o cortisol. Ele influencia também favoravelmente os vários neurotransmissores do sono, aumentando assim o sono.

Para as pessoas que têm excesso de peso, andar a pé, natação e andar de bicicleta constituem algumas das melhores formas de exercício. Enquanto estas atividades exercitam os grupos de músculos longos, aumentando a circulação e a respiração, não exigem muito esforço das articulações, de que se queixam as

pessoas que têm excesso de peso, quando iniciam um programa de exercícios.

Recomenda-se que se façam no mínimo 30 minutos de exercício por dia, de preferência de quatro a cinco dias por semana. Você deve visar uma paz vivificante, mas uma paz que ainda lhe permita manter uma conversação. É sempre bom falar com seu médico antes de começar qualquer novo programa de exercício.

Muitas pessoas alegam que não têm tempo para acrescentar um programa desse tipo a seu horário cotidiano. Na verdade, você pode usar esse tempo de maneira muito produtiva. Enquanto está fazendo exercício, você pode estabelecer as prioridades do dia, pensar nas idéias e material do sermão, meditar, ou, se feito junto com sua esposa, comunicar-se sem interrupção. Os milhares que fazem exercício regularmente, dizem que o plano os faz sentir-se melhor, e que eles não começam o dia sem ele.

O exercício regular ajuda a normalizar a pressão sanguínea, enquanto a falta dele coloca a pessoa em risco de contrair enfermidades das coronárias.

Em resumo

Estar fazendo dieta implica que algum dia sua prática de agora terminará. Mas se seu comportamento se torna uma série de hábitos, você tem menos probabilidade de abandoná-los; e então, manter seu peso apropriado será um subproduto de seu estilo de vida saudável.

Você pode reservadamente pedir as bênçãos e a ajuda do Senhor para seu empenho, sabendo que Sua vontade é: “Amado, acima de tudo faço votos por tua prosperidade e saúde, assim com é próspera a tua alma” (III S. João 2). Ele está apto, pronto e disposto se você Lho permitir.

1. Kelly Brownell e S. Steen, *Physician Sports Medicine*, pág. 15 (12, 1987): 122.

2. Danforth, *American Journal of Clinical Nutrition* 41 (Maio, 1985): 1136.
3. Roger Hammer, *American Journal of Clinical Nutrition*, Janeiro de 1989.
4. *Surgeon General's Report on Nutrition and Health*, 1988.

5. Chan e Barter, *Journal of the American Medical Association*, 244 (1981): 371.
6. Kenneth H. Cooper, *The Aerobics Program for Total Well-Being* (Nova Iorque: Bantam Books, 1982), pág. 65.
7. Ver, e.g., *Conselhos Sobre Saúde*, pág. 156.

Apocalipse 4 e 5: A Visão do Trono — II

De acordo com o autor, o livro que foi aberto pelo Cordeiro seriam as Escrituras Sagradas, ou seja, a Bíblia com toda a história da humanidade até o fim de todas as coisas

Pois bem, o livro do Concerto, que era guardado no lugar santíssimo, ao lado da arca, era a Bíblia da época do tabernáculo do deserto e do Templo de Salomão. Ali se desenvolviam os princípios enunciados nos Dez Mandamentos que, por sua vez, seriam ampliados, com o passar dos séculos, no Cânon de todas as Escrituras Sagradas. O Apocalipse foi considerado o livro mais judaico do Novo Testamento, pelo fato de tomar emprestado símbolos do antigo Testamento, tais como as doze tribos de Israel, os 24 anciãos, o Cordeiro, os móveis do templo, etc., e aplicá-los à nova dispensação. De igual maneira, o livro da lei, que estava ao lado da arca (Deut. 31:26), símbolo do trono de Deus, era a Bíblia do povo de Deus durante seu período nômade no deserto. Em outras palavras, o livro de Moisés pode ser visto como tipo ou símbolo da Bíblia que os cristãos possuem hoje, e que, por sua vez, é o seu livro da vida ou herança (S. João 5:24 e 39; 6:63; cf. Deut. 30:14-16), graças à transferência testemunhada no Novo Testamento, e efetuada pela morte de Jesus (Heb. 9:15-18; cf. Apoc. 22:6, 7, 14, 18 e 19, etc).

Neste contexto, é significativa uma citação

de Ellen White: "Ali, em Sua mão aberta, está o livro, o rolo da história das providências de Deus, a história profética das nações e da igreja... e a história de todos os poderes governantes da Terra" (MR, 984). Percebe-se na Bíblia a história do passado e do futuro profético, incluindo o de todos os impérios anunciados até o fim do mundo, que culminam com Roma em sua fase pagã-cristã. E o que os profetas recebem para escrever é escrito em harmonia com um livro celestial modelo (cf. Dan. 10:21; Deut. 32:34). A Bíblia será, efetivamente, segundo Ellen White, o livro mediante o qual os santos julgarão o mundo durante o milênio. "Em união com Cristo julgam os ímpios, comparando seus atos com o código — a Escritura Sagrada" (G. C., 666; P.E. 291).

A própria cena de abertura de um livro selado, em si, tem que ver com uma situação que requer a intervenção de um tribunal. Os livros selados eram abertos em ocasiões de julgamento, quando se impugnava o documento aberto. Por isso, Ellen White diz que as declarações de renúncia à herança que os dirigentes judaicos fizeram quando entregaram Jesus à morte, revelaram sua escolha. "Sua decisão foi registrada no livro que João viu na mão daquele que

Dr. Albert R. Treiyer
Professor de teologia no Colégio
Adventista de São Domingos

está sentado no trono, o livro que nenhum homem podia abrir. Essa decisão *aparecerá diante deles* em todo o seu caráter vingativo, *no dia em que o livro for aberto* pelo Leão da tribo de Judá." Isso ocorrerá na segunda vinda de Cristo, quando o filho do homem se assentar no trono de Sua glória (ver DTG, 688 e 689). Destas declarações se pode deduzir que o livro não havia sido selado antes da morte de Cristo, e que a abertura dos selos tem que ver com o juízo final.

Depois de descrever o dia em que os livros serão abertos no juízo, ela acrescenta: "*O quinto capítulo de Apocalipse precisa ser cuidadosamente estudado. Ele é de grande importância para aqueles que terão uma parte ativa na obra de Deus para estes últimos dias... A menos que façam uma mudança decisiva, serão encontrados em falta quando Deus pronunciar juízo sobre os filhos dos homens. Transgrediram a lei e quebrantaram o concerto eterno, e receberão de acordo com as suas obras.*" — *Testemónies*, vol IX, pág. 267.

Embora o testemunho bíblico não apresente muitas evidências com respeito ao selamento do livro da lei no mundo antigo, a Arqueologia indica que o costume de selar os documentos legais originais era muito comum. Yigael Yadin encontrou um rolo no deserto da Judéia, selado do lado de fora com sete selos, no qual cada selo tem a assinatura de uma testemunha. Esse documento legal não pode ser aberto antes de serem abertos todos os selos. É oportuno, de acordo com este contexto, ler passagens como Deut. 32:34, em relação com o juízo de Deus (cf. vers. 36; 31:26 = "testemunho contra ti"; Apoc. 11:3-6 = "testemunhas"; Ver S. João 5:45), onde se fala de um documento selado. À luz desta relação entre a assinatura e os selos em documentos legais, é curioso notar também que os que voltaram do cativeiro, depois de ler o livro da lei de Moisés, ratificaram sua promessa — alguma coisa mais do que uma simples assinatura — de permanecer fiéis ao livro do concerto (Neem. 9:38; 10:28 e 29, etc.). O fato de se dizer em outro lugar "liga o testemunho, sela a lei", entre os discípulos do Senhor, constitui outra declaração indireta que fala do selamento do documento da lei, e que se aplica espiritualmente ao povo de Deus (Isa. 8:16).

Esse era o único livro que figurava ao lado da arca, do trono no lugar santíssimo (Deut. 31:26), costume seguido também pelos povos

antigos, de pôr os documentos legais nos templos, aos pés dos deuses que ali habitavam. Era o livro que se dava ao rei como símbolo de autoridade quando era coroado (Deut. 17:18; cf. II Reis 11:12), e era objeto de especial estudo pelo povo, na Festa dos Tabernáculos do ano sabático que começava no Dia da Expição (Deut. 31:10-13; Lev. 25:9-10). Quando foi estabelecido no lugar santíssimo, os anciãos e oficiais de Israel foram congregados em torno do Senhor em uma solene proclamação de juízo (Deut. 31:28; ver Êxo. 24:1-18; II Reis 23:1-3). Nesse caso, os anciãos não foram convocados em torno do Senhor para abrir o livro, mas como testemunhas do lugar em que eram guardados para testemunhar mais adiante no juízo, quando a cortina que separava o lugar santo do santíssimo fosse aberta no dia da Expição. Eles seriam testemunhas da fidelidade de Deus em cumprir tanto as bênçãos como as maldições contidas no livro do concerto.

Apesar destas evidências, não é preciso insistir em que o livro da lei no Antigo Testamento estava selado, para depois identificá-lo com o livro selado do Apocalipse. Os selos do Apocalipse revelam a espécie de testemunho que as testemunhas e discípulos de Jesus dão na dispensação cristã, em relação com o documento da recompensa que Jesus lhes confiou (Apoc. 1:8; S. Luc. 24:45-49, etc). O sétimo selo revela o testemunho dos sete anjos das igrejas, a respeito da resposta de Deus ao clamor dos santos. Mediante estas duas espécies de testemunho, o caráter de Deus e o de Seu povo são vindicados. A abertura do grande e original prova que o documento do herdeiro celestial, a Raiz de Davi, e o que foi escrito na vida de Seus discípulos, não se contradizem. Esta obra de vindicação O torna digno de receber o reino e todo poder nos Céus e na Terra, e de outorgá-lo para sempre ao Seu povo (Apoc. 5:9 e 10).

As testemunhas do documento selado

Sendo que a visão do juízo não define claramente quem foram as testemunhas que assinaram o documento celestial, convém agora considerar mais cuidadosamente sua identidade. Uma falta semelhante de definição bíblica a respeito de a quem pagou Jesus o res-

gate de Sua herança, deu lugar a muita discussão através dos séculos. A única coisa que os escritores bíblicos salientam é que Jesus pagou o resgate a Seu povo, mas não definem a quem o pagou. A identidade das testemunhas, porém, pode ser deduzida do contexto e de outras passagens das Escrituras, embora a multiplicidade dos fatores que entram em relação com a herança celestial e com a natureza do livro, que é também um livro de vida e de destino e o livro do concerto, não permita assumir posições demasiado excludentes.

A recompensa é o reino de Deus (S. Mat. 25:34), e tem suas dimensões: uma, espiritual, presente (S. Luc. 17:20 e 21; Rom. 8:14-17; Gál. 4:6 e 7; Efés. 1:11, etc.); e outra, literal, futura (S. Tiago 2:5; S. Mat. 7:21; Heb. 10:34; I S. Ped. 1:4; Dan. 12:13; Apoc. 21:7, etc.). O reino de Deus não se refere apenas à Terra Prometida, como a cidade celestial, a Nova Terra e o novo Éden. Esses aspectos materiais da recompensa não são concebidos como vazios. Envolvem o povo que será considerado digno de ali morar. Essa herança é do Senhor, porque Ele a adquiriu na cruz (S. João 17:24 = “aqueles que *Me deste*”; cf. Êxo. 34:9 ú.p.; Deut. 9:29; 32:9; Sal. 33:12; Zac. 2:12, etc.).

O documento da herança é a *Palavra de Deus* (Deut. 28:30; S. João 5:24 e 39; 6:63, etc.), cujo original celestial é o modelo da cópia escrita pelos profetas na Terra (Deut. 32:34; Dan. 10:12). Por ser o documento legal original, é guardado selado para ser aberto apenas no tribunal (Apoc. 5), com o propósito de autenticar a cópia aberta que as testemunhas de Cristo levam na Terra (cf. Deut. 30:14), e que foi tão impugnada e ultrajada neste mundo (Apoc. 1:9; 6:9; 20:4, etc.).

Pois bem. O reino de Deus, que é a herança, é outorgado à igreja de Cristo, e ao mesmo tempo ela mesma é considerada herança do Senhor. Por esta razão, os que são adotados como “filhos” no reino de Deus, são a herança do Senhor, e são ao mesmo tempo testemunhas dessa herança. Deus lhes confia Sua Palavra e os chama para ser testemunhas no tribunal, do valor ou preço pago por ela. Dessa forma, o testemunho que a igreja dá em suas várias épocas, tal como se acha revelado nos selos, mostra a extensão ou dimensão do domínio que o Senhor adquiriu com o Seu sangue. Pode-se inferir daí que as testemunhas que são ao mesmo tempo convidadas a fazer parte da herança e a rece-

berem, elas mesmas, essa herança, segundo o documento que assinaram (cf. Neem. 9:38-10:29), revelam por seu testemunho se o preço pago pelo Senhor O leva a considerá-los como seus, Sua propriedade (I Cor. 6:19 e 20; cf. 3:16 e 17).

Os *seis primeiros selos* revelam a atitude que a igreja assume em seus diferentes períodos em relação com o documento que lhe é confiado: a Palavra de Deus. Tornam clara a fidelidade ou infidelidade manifestadas com respeito ao concerto feito com o Senhor que a resgatou. O *sétimo selo*, por outro lado, revela o testemunho celestial da fidelidade de Deus em cumprir as cláusulas do concerto. Os sete anjos que veiam pelas sete igrejas, e que ao ser aberto o sétimo selo se apresentam fazendo soar suas trombetas, e o anjo que junta incenso às orações dos santos, recapitulam no juízo a maneira em que o Senhor cumpriu Sua parte no compromisso estabelecido, relativo a Sua propriedade. Aí se revela como Deus tem cuidado de Sua herança, e castiga as nações que procuram destruir Sua igreja, tal como fora descrito nas bênçãos prometidas a Seu povo por sua fidelidade aos mandamentos de Deus, segundo o livro da lei (Lev. 26 e 27; Deut. 28:30).

Os 24 anciãos e sua importância no juízo

Outra confirmação de que a cena apresentada em Apocalipse 4 e 5 é uma cena de juízo, pode ser vista na descrição dos 24 anciãos que estão sentados nos tronos em semicírculo, à maneira de sentar-se no conselho dos anciãos ou Sinédrio judaico, e a corte celestial de juízo descrita nas visões do Antigo Testamento. Como já analisei em pormenores em meu trabalho sobre os anciãos, nenhuma das outras proposições dadas na identificação dos anciãos responde de maneira acertada ao número 24, e ao fato de serem chamados anciãos. Em todas as cidades de Israel, havia tribunais compostos por 24 anciãos para julgar a Israel, e mesmo em Jerusalém, onde havia um grande Sinédrio composto por 72 anciãos, o número essencial era também 24, pois era composto de três pequenos sinédrios de 24 membros cada um. O tribunal dos anciãos, que aparece no Apocalip-

se, é composto de anjos de Deus que agem como o antítipo celestial simbolizado ou representado pelo conselho dos anciãos no Antigo Testamento.

Na teocracia judaica, o tribunal dos anciãos desempenhava suas funções civis e religiosas ao longo de todo o ano. Seu cumprimento na nova dispensação se dá em uma dimensão espiritual na instituição dos anciãos da igreja, e tem uma confirmação real e final no juízo celestial. O mesmo pode ocorrer com respeito à missão de juízo que Jesus legou a Seus discípulos, de ligarem ou desligarem da igreja os fiéis ou infiéis, de acordo com o testemunho que derem de sua fé (S. Mat. 16:19); 18:18; S. João 20:22 e 23; Atos 2:38, etc.). Esta missão da igreja será confirmada ou invalidada pelo tribunal celestial na revisão final de contas do tempo do fim.

Com relação ao seu ministério intercessório, os anciãos figuram no juízo como testemunhas da aceitação de Deus às orações dos santos (Apoc. 5:8). O requisitório judicial do tribunal celestial, leva em consideração os votos sinceros de fidelidade feitos por todos os que solicitam ser considerados filhos de Deus. O fato de não receberem coroas mas já aparecerem possuindo-as (Apoc. 4:4 e 10), é outra evidência de que a visão não indica especificamente a convocação inaugural do concílio celestial, que tem por objetivo coroar o filho de Deus como o despenseiro divino dos dons espirituais de Seu povo. Na verdade, o antítipo celestial dos anciãos terrestres não podia receber antes de seu rei a coroa que os autoriza a exercer seu ministério antitípico no reino de Deus. Como Jesus, "o Sumo Pastor", haviam já recebido esta coroa ao inaugurar-se o santuário celestial e seus serviços (cf. Apoc. 3:21; I S. Pedro 5:4).

*"A representação simbólica
nestes querubins,
das formas mais significativas
e poderosas da criação animal,
permite ver uma vez
mais a relação do juízo com
a criação."*

Em S. Mateus 5:22, Jesus menciona em Sua aplicação espiritual do livro da lei, que aquele

que o viola será réu "no juízo" e "do Sinédrio celestial", e finalmente, como consequência, "ficará sujeito ao inferno de fogo". Muitas versões preferem traduzir por "concílio" em lugar de sinédrio, por não poderem entender por que Jesus fala de um sinédrio na nova dispensação. A visão dos 24 anciãos em Apocalipse 4 e 5, destina-se a explicar melhor esta declaração de Jesus.

O louvor e a adoração no juízo

O fato de se salientar na visão de Apocalipse 4 e 5 a adoração e o louvor a Deus e ao Cordeiro, não enfraquece a idéia de juízo, pois era este justamente o propósito do juízo. Por exemplo, em Apoc. 4:11, salienta-se a dignidade dAquele que está assentado no trono, para "receber a glória e a honra e o poder", algo que na verdade Deus sempre possuiu. Mas a corte é obviamente estabelecida aqui para reconhecê-lo como tal em relação com a impugnação de Seu caráter, que a rebelião e o pecado trouxeram, num contexto semelhante à descrição dada em Rom. 3:4; "Para seres justificado nas Tuas Palavras, e venhas a vencer quando fores julgado." A razão apresentada é que Deus é o Criador, e, como tal, tem direito de julgar Suas criaturas. Isto é mais desenvolvido na mensagem do primeiro anjo, onde a chegada da hora do juízo convida à adoração (*prosekunésate*) do Criador, e a dar-Lhe glória (Apoc. 14:7 = *dóxan*; cf. Apoc. 4:11; 5:12 e 13: "*dóxan*"; vers. 14 = *prosekunésan* = "adoração"). Isto é o justamente o que faz também o remanescente que teme a Deus ao terminar o período da grande tribulação, e iniciar-se o ministério do lugar santíssimo. Dão "glória (*dóxan*) ao Deus do Céu" (Apoc. 11:13 e 19). A quarta praga mostra que os homens que recusaram o chamado para darem glória a Deus por ocasião do juízo, não se arrependem nem mesmo com o castigo "para dar-Lhe glória" (Apoc. 16:9). Por outro lado, as hostes celestiais exclamam: "... demos-Lhe glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou" (Apoc. 19:7).

Em S. João 5:22 e 23, salienta-se de novo a relação entre o juízo celestial e a honra tributada a Deus e ao Filho. Mas o que chama a aten-

ção nesta passagem, é que esta honra (*timosi*) concedida ao Pai e ao Filho, é dada quando o Pai confere o juízo a Seu Filho. O propósito exato desse juízo é que “todos honrem o Filho como honram o Pai”. Essa honra (*tim e n* dada ao Filho e ao Pai, João iria ter a oportunidade de descrevê-la mais detidamente em seu último livro, em apocalipse, quando o Pai entrega ao Filho o livro do juízo e do reino, a Palavra de Deus (S. João 5:45; ver especialmente Apoc. 4:11; 5:9, 10, 12 e 13). Descrevendo a Jesus de pé, como em Apoc. 5:6, ao concluir Seu ministério no lugar santíssimo, e tendo em cima da cabeça o arco-íris que está em cima do trono (cf. 4:3), símbolo da misericórdia, E. G. White faz a seguinte declaração: “A graça e a misericórdia descerão então do trono, e a justiça tomará o seu lugar. Aquele por quem Seu povo tem esperado, assumirá Seu direito — o ofício de Supremo Juiz.” — *R.H.*, 1º de jan. de 1889.

João chora momentos antes porque não vê ninguém digno de abrir a lei da herança no juízo. Ele sabia que o Filho do homem havia vencido (Apoc. 1:18) e Se havia assentado com Seu Pai em Seu trono (Apoc. 3:21). Havia mais de 60 anos que isto acontecera, e João havia recebido um dos dons que Jesus concedeu a Sua igreja nesta ocasião inaugural, o dom profético, como prova de Sua aceitação pelo Pai (Atos 2:33; Êfes. 4:7-13). Mas agora está diante da convocatória celestial que deve vindicar aos santos heróis das igrejas, e se oculta de sua vista o único ser capaz de abrir o livro da herança. Um dos membros da corte celestial o consola então, comunicando-lhe o que todas as hostes celestiais também sabem, e é que Jesus, o Messias Filho de Davi, havia vencido e tomado posse *de direito* na inauguração de Seu ministério celestial, como Senhor e Cristo (Atos 2:36; Apoc. 12:10), *virtual ou prolepticamente* acima de todo e qualquer poder, seja no Céu ou na Terra (Apoc. 1:5-7; Efés. 1:19-23; Heb. 1:2). Sua missão passou então a ser, em grande parte, *espiritual* e sacerdotal, pois foi dado “para ser o cabeça sobre todas as coisas” à igreja, enquanto esperava que “os Seus inimigos sejam postos por estrado dos Seus pés” (Heb. 5:5; 10:13). Mas a atenção de João é dirigida para mais além ainda, e contempla o momento em que o Filho de Davi (Apoc. 5:5) vai ser investido *de fato, consumada* ou *acabadamente* no fim dos séculos, assim como Davi, para reinar sobre o Seu povo e salvá-lo de Seus inimigos (Apoc. 20:4 e 6;

22:3 e 6), e receber *literalmente* por herança as nações, quebrantando-as com vara de ferro (Sal. 2:7-9; Apoc. 19:15).

No Salmo 122:4 e 5, lemos: “Para onde sobem as tribos, as tribos do Senhor, como vêm a Israel, para renderem graças ao nome do Senhor. Lá estão os tronos de justiça, os tronos da casa de Davi.” Vê-se aí que não se considerava o trono típico do rei como único em relação com sua função de juiz, mas que são incluídos também os tronos de seus conselheiros, o tribunal mencionado em outras passagens bíblicas como “o conselho dos anciãos” (I Reis 12:6; Ezeq. 7:26; S. Mat. 27:1; 28:12, etc.), os quais eram estabelecidos em semicírculo. Nessa passagem, o louvor e o juízo estão juntos, pois o propósito do juízo é vindicar o caráter de Deus, tão discutido pela rebelião à vista dos anjos de Deus. O mesmo acontece em Apoc. 19:1-8. Os quatro querubins, os anciãos, os remidos e todos os seres celestiais louvam e adoram a Deus, porque os Seus juízos são manifestos (Apoc. 19:1-10).

Esta finalidade do juízo é de valor supremo, do contrário a tragédia do pecado não poderia ser erradicada para sempre. Os rabinos e os seguidores do Qumram, baseados em várias passagens do Antigo Testamento, deixaram vestígios da crença em que Deus julgará o mundo e Seu povo junto com os anciãos em Jerusalém.

À luz destas considerações, a conclusão óbvia é que a visão de Apocalipse 4 e 5 se refere ao juízo investigativo em relação com a visão de Daniel 7 e Apocalipse 11, e que a abertura dos selos e o soar das trombetas, têm que ver com uma recapitulação da história da igreja e dos juízos restritivos que Deus estabeleceu contra Seus opressores, em vista do juízo que agora é universal e final, definitivo. Uma recapitulação semelhante se vê na missão que Deus deu a Seus profetas no passado, antes de dar a sentença final em Seu juízo. Em muitos casos, o profeta é transportado para eventos futuros, e contempla fatos ainda não ocorridos como se já tivessem acontecido (ver Isa. 53. Os sofrimentos do Servo de Yahvé; Isa. 45:1: Ciro; Isa. 47: juízo sobre Babilônia como algo atual, presente, etc.).

Nota da Redação: Como o número anterior, colocamos à disposição do leitor a farta bibliografia usada neste artigo pelo autor. Não dispomos de espaço para publicá-la.